

## OS CACIQUES DO POVO PATAXÓ HÃHÃHÃE A PARTIR DE 1982

EDMAR BATISTA DE SOUZA (ITOHÃ)

ORIENTADOR: JOSILEY FRANCISCO DE SOUZA

Aldeia Indígena Caramuru-Pau Brasil-BA

2022

**FIEI** FORMAÇÃO INTERCULTURAL  
PARA EDUCADORES INDÍGENAS

**FaE**  
Faculdade de Educação

**UFMG**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE MINAS GERAIS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS**

**EDMAR BATISTA DE SOUZA**

**OS CACIQUES DO POVO PATAXÓ HÃHÃHÃE A PARTIR DE 1982**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de graduação em licenciatura no curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas.

Orientador: Josiley Francisco de Souza

Aldeia Indígena Caramuru-PAU-BRASIL, BA.

2022

# VIDA DE ÍNDIO

O índio lutador  
Tem sua historia pra contar  
Coisas da sua vida  
Que ele não há de negar  
A vida é de sofrimento  
E eu preciso recuperar.

Eu luto por minha terra  
Por que ela me pertence  
Ela é a minha mãe  
E faz feliz muita gente  
Ela tudo nos dar  
Se plantarmos a semente.

A minha luta é grande  
Não sei quando vai terminar  
Eu não desisto dos meus sonhos  
E sei quando vou encontrar  
A felicidade de um povo  
Que vive a sonhar.

Ser não indígena é fácil  
Mas todos têm que entender  
Que somos grandes guerreiros  
E lutamos pra vencer  
Temos que buscar a paz  
E ver o nosso povo crescer.

Orgulho-me de ser índio  
E tenho cultura para exhibir  
Luto por meus ideais  
E nunca vou desistir  
Sou pataxó hãhãhã  
E tenho muito que expandir.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, por sempre me dar força, saúde e disposição para os grandes enfrentamentos que a vida nos proporciona, além de me proporcionar essa grande oportunidade de defender um trabalho que é de grande importância para meu povo;

Ao povo Pataxó Hãhãhãe por ser um povo guerreiro e com uma grande diversidade cultural, além de obter em sua composição grandes lideranças com um histórico de muitas lutas e resistência;

À UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), à FAE (Faculdade de Educação) e em especial ao curso FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), que abriram as portas para os diversos Povos Indígenas terem seus profissionais da Educação capacitados para desenvolverem seus trabalhos com mais qualidade e de forma diferenciada em suas comunidades;

Aos professores do curso FIE, que desde o início vêm sendo os verdadeiros heróis, pois os mesmos sempre estiveram dando o máximo para que o nosso curso chegasse em sua etapa final com grande positividade, muitas dificuldades encontradas, mas todas vencidas;

Ao meu orientador, Josiley Francisco de Souza, que mesmo usando apenas o e-mail, conseguia esclarecer as minhas dúvidas, e sempre me orientando, apesar que o e-mail é uma ferramenta que quase não utilizo, mas que foi muito importante nesse momento de orientação;

Nos meus agradecimentos quero destacar duas pessoas que foram de fundamental importância na construção do meu trabalho, esses são o professor José Nilton (Kawatá) e Amael Muniz de Souza. Eles foram grandes parceiros, estavam sempre à disposição para me ajudar nas transcrições, e Amael Muniz de Souza que foi o cara das edições dos áudios;

A todos aqueles que direta e indiretamente fizeram parte deste trabalho, principalmente os familiares dos caciques já falecidos, os Ex Caciques e os Caciques que atualmente atuam no T.I. Caramuru, que se dispuseram e me receberam em suas residências e repassaram as informações necessárias para a construção deste trabalho.

Os responsáveis pela construção deste trabalho são: Nelson Saracura, Nailton Muniz, Manoel Muniz, Deorgines, Luiz Ferreira, Adilson Gonçalves, Antonio Magalhães, Maria Mello, Zenolia Mello, Lucas Santos, Aritanan, Evangelista Bispo, Reginaldo Ramos, Gean Borges, Ednilson de Jesus, Ilsa Rodrigues, Alcides Francisco, Wilson Jesus, Osmar Julio, Domingos Muniz, Josivaldo Ferreira, Marilene Jesus, Flávio Trajano, Jorge Neres

## **RESUMO**

Esse trabalho tem como principal objetivo explorar de forma investigativa as lutas dos caciques Pataxó Hãhãhãe, no intuito de rememorar as características históricas e culturais do povo indígena que habita a Território Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu, situada entre os municípios de Pau-Brasil, Camacã e Itajú do Colônia, no estado da Bahia. Todas as informações que estão contidas nesse trabalho são fruto de intenso percurso, registrado em áudios e formulário escrito. Entende-se que as informações expostas têm por finalidade contribuir de forma massiva para o convívio desse povo aguerrido, há também uma satisfação memorável em retratar uma síntese cronológica (não necessariamente na ordem) da atuação e disposição de cada cacique, no histórico do povo Pataxó Hãhãhãe.

## **SUMMARY**

The main objective of this work is to explore in an investigative way the struggles of the Pataxó Hãhãhãe chiefs, in order to remember the historical and cultural characteristics of the indigenous people who inhabit the T.I Caramuru, located between the municipalities of Pau-Brasil, Camacã and Itajú do Colônia, in the state of Bahia. All the information contained in this work is the result of an intense journey, recorded in audio and written form. It is understood that the information exposed is intended to contribute massively to the coexistence of this embattled people, there is also a memorable satisfaction in portraying a chronological synthesis (not necessarily in order) of the performance and disposition of each chief, in the history of the Pataxó people. Hahahaha.

## SUMÁRIO

Introdução.....	14
O povo Pataxó Hãhãhãe e seus caciques.....	20
Nelson Saracura .....	24
Samado Santos.....	27
Jorge Índio.....	29
Juraci Santana ( Purí ).....	30
Ex Cacique Domingos Muniz.....	32
João Cravinho.....	34
Osmar Júlio da Silva.....	35
Cacique Nailton Muniz.....	37
Wilson de Jesus Souza Ex Cacique, e atual chefe da CTL – FUNAI.....	40
Cacique Diógenes.....	42
Marilene Jesus dos Santos.....	44
Cacique Manoel Muniz.....	46
Alcides Francisco Filho (Piba).....	48
Cacique- Gerson Pataxó.....	50
Cacica Ilsa Rodrigues.....	52
Antonio Magalhães ( TAIWMÃ ) Ex Cacique.....	54
Cacique Ednilson (Nito).....	56
Cacique Luiz.....	57
Cacique Jean Pataxó Borges ( Txahú ).....	59
Adilson de Jesus Gonçalves.....	61
Cacique Lucas.....	62
Cacique Aritanã.....	64
Cacique Jorge Neres.....	66
Cacica Zenolia.....	57
Cacique Josivaldo e saudoso cacique Roque.....	68
Cacique Edísio.....	69
Cacique Eusébio.....	70

Evangelista Bispo do Santos “Caçulo” Ex Cacique.....	71
Reginaldo Ramos ( Akanawã) Ex Cacique.....	72
Saudosos Caciques, Juvenal Trajano e Osvaldo Trajano.....	73
Cacique Flavio Trajano.....	74
Considerações finais.....	76
Referências.....	78

## APRESENTAÇÃO

Eu sou Edmar Batista de Souza (nome indígena, Itohã), sou indígena pertencente ao Povo Pataxó Hãhãhãe, nasci no ano de 1984 na Aldeia Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu, onde moro até hoje com meus familiares. Comecei a estudar aos 8 anos de idade, desde criança trabalhava com minha família na agricultura, no plantio de mandioca, milho, feijão etc., para ajudar a manter a casa, para que não faltasse a alimentação. Procurava sempre manter os horários de trabalho e estudo, algumas vezes não tinha jeito de não faltar às aulas, pois em alguns momentos não dava conta do horário, e em outras, por conta do cansaço mesmo.

A cultura do Povo Pataxó Hãhãhãe, ou seja, a nossa tradição, sempre foi muito importante para minha vida, sempre valorizei e pratiquei, pois, a cultura é a minha identidade. Ainda na adolescência, gostava muito dos eventos que aconteciam na aldeia, como reuniões comunitárias, mutirões que aconteciam em diversos lugares da comunidade, como fazer farinhada, barrear casas dos parentes, capinar roças, fazer artesanatos, e principalmente praticar a minha cultura com cânticos e danças tradicionais do nosso Povo, além das brincadeiras que aconteciam nas noites de lua cheia.

No ano de 1999, aos 14 anos de idade, saí da aldeia juntamente com mais outros cinco indígenas da minha comunidade, para estudarmos em uma escola agrícola, no município de Ilhéus-BA, no intuito de melhorarmos o nosso conhecimento, tanto na parte pedagógica quanto na agricultura, não que a nossa aldeia não oferecesse uma boa prática agrícola, mas as técnicas eram fundamentais para os plantios. Nessa escola, a gente passava quinze dias tendo aulas práticas e teóricas na parte agrícola, retornávamos para casa na nossa aldeia para passarmos mais quinze dias com nossos familiares, e também fazermos algumas atividades destinadas ao período que estaríamos em casa. Foi uma batalha muito grande para conseguir nos mantermos lá, ficamos por um ano, no ano seguinte retornamos para a aldeia. Percebi que não conseguia ficar muito tempo fora da aldeia, pois era aquela comunidade que nos oferecia a verdadeira aprendizagem, que são os saberes milenares deixados pelos nossos ancestrais.

Na aldeia, continuei com os estudos, aos 17 anos lecionei como substituto em uma turma multisseriado, isso por falta de professores, pois na época os educadores estavam em uma das etapas do curso do magistério indígena, e eu já estava cursando o ensino médio no município de Pau Brasil-BA. Para mim, era uma grande dificuldade estudar na cidade, mas era a única opção, pois naquela época não tinha o ensino médio na aldeia. Sofremos muito, nossos transportes escolares, uma perua e um ônibus, foram incendiados na cidade, ficamos um bom tempo sem transporte escolar, eu ainda enfrentava outra dificuldade, o local onde eu estava passando por uma experiência como educador ficava a 8 km do local onde eu moro, e tinha que fazer esse trajeto todos os dias para dar aula, e ainda voltava a pé para estudar na cidade, correndo risco de vida.

Durante um mês como educador substituto, ainda com 17 anos, a direção do Colégio Estadual da Aldeia Indígena Caramuru tinha aprovado o meu desempenho em sala de aula, as facilidades que tinha para atender as demandas de um educador para com seus alunos, porém, mesmo com a falta de professor, eu não podia continuar trabalhando, pois eu era menor de idade. Aos 18 anos, tive uma surpresa, a direção do Colégio convidou-me para trabalhar como educador. Foi uma grande alegria, pois era uma das coisas que mais gostava de fazer, na verdade era um sonho, eu também já estava no penúltimo ano do meu curso. Como eu não tinha a maior idade, não fui contratado de imediato, trabalhei por dois anos como PST (Prestação de Serviço Temporário). No ano seguinte, fui contratado pelo REDA, fui trabalhar com uma turma multisseriado e ainda tinha que achar tempo para trabalhar voluntariamente em uma Rádio Comunitária da Aldeia como radialista.

No ano de 2004, com 24 anos de idade, fui escolhido pela comunidade para fazer parte do quadro de liderança indígena, onde atuei por dois anos. Nesse período como liderança indígena, consegui realizar bons trabalhos em prol da comunidade. Em 2006, fui convocado para trabalhar na regional da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), onde o administrador na época era um índio da nossa comunidade. Eu, juntamente com outros professores, tive que sair da escola por um tempo. Por um período de oito meses, trabalhei como secretário de administração. Nessa trajetória posso confessar que não gostei da experiência, então resolvi

retornar para a Aldeia e para a Escola, onde pude continuar fazendo aquilo que realmente eu gosto de fazer, que é lecionar.

Em 2007, fui aprovado no processo seletivo da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santa), e mais uma vez tive que deixar a minha Aldeia e a Escola para fazer o curso de Educação Física, mas infelizmente não tive recurso financeiro para manter-me na Universidade. Consegui manter-me na Universidade era uma tarefa muito grande, o custo de vida era muito alto, nem eu nem minha família tínhamos condições para a minha permanência. Foi aí então que eu desistir, retornando novamente para o meu lugarzinho, minha Aldeia, onde fui bem recebido pelos meus familiares e pela minha comunidade, pois todos entendiam o principal motivo da minha desistência. Pude novamente dar continuidade aos trabalhos na Escola como educador.

Em 2010, uma nova chance de fazer um curso superior apareceu em minha vida, abraçando a oportunidade, então fiz o processo seletivo para o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena pelo Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, e tive a felicidade de ser aprovado.

No de 2014, conheci o Projeto Saberes Indígenas, onde eu tive o privilégio de fazer parte desta Rede, percebendo o quanto esse projeto é importante para os povos indígenas, um projeto que veio para fortalecer o vínculo da educação diferenciada dentro das comunidades indígenas. Os saberes indígenas ficaram marcados nas minhas experiências como educador, e durante esse tempo em que fiquei no Projeto Saberes Indígenas, pude contemplar algumas áreas funcionais, pena que só fiquei até a turma de 2018.

Ainda em 2018, realizei mais um sonho, que era de estudar na melhor universidade em educação do Brasil, a UFMG. Foi quando eu prestei o vestibular e passei, para fazer parte da turma de Matemática, do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas. Nesse mesmo ano, no dia 04 de agosto de 2018, aconteceu a colação de grau, no Curso de Licenciatura Intercultural para Professores Indígenas, realizado pelo IFBA, "Instituto Federal da Bahia".

Depois de 17 anos desenvolvendo o papel de educador no Colégio Estadual da Aldeia Indígena Caramuru, em junho de 2019, venceu prazo de contrato dos professores REDA (Regimento Especial de Direitos Administrativo). Nessa

mesma data, teve uma seleção também no serviço de prestação temporária, mas infelizmente ficaram de fora 13 professores que já atuavam há mais de 10 anos como educadores, inclusive eu. O quadro funcional da escola foi renovado, para mim foi um grande abalo, pois a partir daquele momento sabia que não ia mais fazer aquilo que sempre sonhei ser., mas a vida é assim, vida que segue. Então, comecei a trabalhar em outras áreas dentro do próprio território, já planejando uma possível candidatura.

No ano de 2020, fui candidato a vereador pela REDE SUSTENTABILIDADE no município de Pau Brasil-BA, mas, infelizmente, não fui eleito, o que vai servir como experiências para as possíveis candidaturas futuras.

O objetivo desse trabalho é mostrar para a atual e as futuras gerações quem foram os caciques do Povo Pataxó Hãhãhãe a partir de 1982, dando visibilidade a trajetória de luta dessas lideranças. É importante ressaltar que cada cacique que deu a sua contribuição para a conquista do território e outras lutas que veio beneficiar a comunidade precisam ser lembrados e guardados na memória, pois a trajetória de luta de um cacique é árdua e a comunidade precisa valorizar esse doloroso trabalho.

Pesquisar a trajetória de luta dos caciques Pataxó Hãhãhãe é uma grande missão, pois é através das pesquisas que podemos conhecer mais de perto o que é realmente o papel do cacique. Muitas pessoas sabem a existência do cacique, mas não conhecem a sua funcionalidade enquanto líder, muitas pessoas ainda criticam o posicionamento de alguns caciques, mas é preciso entender que o cacique é eleito pelo povo e respaldado nas organizações internas do mesmo, e que o cacique zela pelo bem-estar do coletivo e não pela individualidade.

Identificar quem são e quantos caciques já teve no povo Pataxó Hãhãhãe é simplesmente trazer à tona uma história de luta onde os caciques juntamente com suas lideranças buscaram e buscaram melhorias de vida para seu povo. O desenvolvimento desse trabalho tem por finalidade garantir um material escrito para a comunidade, fazendo com que as futuras gerações conheçam o histórico de luta, tanto dos que atuam, quanto os que já passaram pelo cacicado, além da construção de uma linha do tempo que sirva como material didático para a escola indígenas e não indígenas.

Esse trabalho é fundamentado na história de luta de cada Cacique do Povo Pataxó Hãhãhãe, sendo que estamos organizados em um território de 54.209 hectares de terra, dividido em três municípios, Pau Brasil, Camacan e Itajú do Colônia-Ba.

A importância do desenvolvimento desse trabalho é justamente para dá visibilidade a trajetória de luta dos Caciques, além de poder entender a necessidade de um quantitativo de caciques dentro de um território considerado grande.

O povo pataxó hãhãhãe se localiza em diversas e diferentes áreas, sendo que cada uma dessas áreas é denominada Aldeias. Esse trabalho certamente terá um grande impacto positivo para o Povo Pataxó Hãhãhãe, pois traz uma em suas referências a memória daqueles que deram suas vidas em prol da conquista do território, e também daqueles que se dispõe para estar na linha de frente de organização de um Povo.

## Introdução

O Povo Indígena Pataxó Hãhãhãe, conhecido sob o etnônimo englobante, é composto pelas seguintes etnias: Kamakã, originários de São Pedro de Alcântara (Ferradas) e Catulezinho; Baenã e Hãhãhãe, que vieram das proximidades dos Rios Cachoeira, Pardo, Gongugi e do médio Jequitinhonha; Guerem, que vieram da região de São Fideles; Tupinambá, originário de Olivença, onde estão estabelecidos a sua grande maioria; Kariri Sapuyá, originário de Pedra Branca. “São bento, no atual município de Canaã-Ba, foi uma das aldeias onde se estabeleceram os Kariri Sapuyá após sua expulsão da Aldeia de Pedra Branca no recôncavo sul da Bahia”, a ainda outras etnias que compõe o povo Pataxó Hãhãhãe.(Mapeando Parentes, p. 10. 2012)

Grande parte dessas etnias foi expulsa de suas terras de origem, fatores como, massacres, perseguições culturais, violência de posseiros entre outros, que contribuíram para migração para regiões diversas. As famílias que conseguiram se refugiar, passaram por grandes processos de sofrimento, pois o extermínio dos indígenas continuou por toda parte. Esses indígenas, membros das etnias citadas, foram obrigados a conviver com outras culturas diferentes, os indígenas não podiam se identificar como índio, isso para garantir a sua sobrevivência, trabalhando para seus inimigos, os fazendeiros.

A luta do povo Pataxó Hãhãhãe foi e é assim marcada por massacres e torturas, em 1982, quando algumas famílias que há anos vinham se organizando resolveram reocupar o que é seu por direito – A TERRA INDÍGENA CARAMURU foi registrado nesse período – houve muito sofrimento, diversos tipos de violência, como sequestro, assassinatos de lideranças indígenas, tentativas de transferência para outras regiões, fome, descaso por parte de algumas autoridades, pressões psicológicas, preconceitos, diversos tipos de ameaças; tudo isso acontecendo muitas vezes com o conhecimento das autoridades competentes e sem nenhuma punição aos responsáveis.

A partir da alocação das famílias Terra Indígena Caramuru, houve muita tensão na região do Sul da Bahia, município abrangente Pau Brasil, Itaju do Colônia e Camacan. Nesta época, já existiam diversas fazendas de cacau e essas tinham

pistoleiros para protegê-las. As pessoas que ocupavam essas terras já se diziam donos e não aceitavam que seus verdadeiros donos a reocupassem.

Houve revolta até de trabalhadores que não tinham nada a ver com a questão, mas as lideranças tentaram juntamente com o povo garantir o que tinha de mais precioso, a terra de onde seu povo tirara seu sustento. Na época, o Governo da Bahia já tinha distribuído títulos de muitas propriedades localizadas na reserva indígena, na tentativa de garantir a permanência dos falsos donos da terra.

E, no sentido de querer corrigir erros políticos, o governo juntamente com alguns latifundiários residentes no território indígena fizeram manobras para retirar mais uma vez os índios de suas terras, prometendo fazenda para as famílias indígenas que ali se encontravam alocadas (na atual T.I Caramuru). A proposta era realocar essas famílias em outra região, objetivando tirá-las de suas terras, assim sendo foram levados até a fazenda Almada, localizada no município de Ilhéus, bem próximo ao rio Almada. Entre 1976 e 1980, o governo de Juracy Magalhães, uniu forças políticas com Roberto Santos e Antônio Carlos Magalhães, principais responsáveis pela distribuição de títulos de terras na região onde se encontra o Terra Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu, e concederam direitos a arrendatários como verdadeiros donos das terras em que se encontravam.

Alguns indígenas foram seduzidos por conversas e promessas de dias melhores, com ofertas grupos de fazendeiros que prometiam mudar suas vidas, deixando-se ser levados por falsas promessas, foram orientados a convencer outros indígenas a aceitar a proposta que considerava encantadora e que iria lhes render dias melhores.

Os caciques (não declarados nomes), durante alguns meses relutou, mas logo teve o desprazer de ver seu povo dividido. Neste momento, já havia outros líderes indígenas e funcionários da FUNAI envolvidos com fazendeiros, organizando uma eventualidade trágica que marcou mais uma vez a história do Povo Pataxó Hãhãhãe.

Meses depois, veio descobrir que o então governador na época, senhor Antônio Carlos Magalhães, observando que a ação de distribuição de títulos falsos atribuídos a T.I Caramuru, seria judicialmente questionado lançou-se na tentativa de propor a união de aliados a fim de produzirem um decreto que caracterizassem a

área Indígena Pataxó Hãhãhãe como Reserva Indígena, objetivando que tal os livrariam do ônus judicial, livrando-se a se e a outros políticos da distribuição ilegal de títulos de terra em propriedade alheia.

Essa atitude do então governador representou a manobra na tentativa de acobertar seus próprios erros, inclusive a decretação na reserva indígena que teve o apoio do mesmo. O certo é que parte dos indígenas foi para a Fazenda do Governador, chegando lá nada faltava, porém, o que aqueles índios não sabiam era que em breve seriam transferidos para outras regiões distantes, assim que descobriram foram tomados pela tristeza que tomou conta de todos. Então, começaram a pedir ajuda divina, e de alguma forma ela chegou, como em toda instituição tem os maus e os bons, logo um representante da FUNAI se colocou à disposição para ajuda-los de alguma forma, porém, os indígenas precisavam de fato dizer o que queriam de imediato, tudo que os índios queriam era voltar para suas terras.

As investidas dos fazendeiros não pararam por aí. No período entre 1984/1985, houve várias interferências que resultou num grande confronto entre índios, deixando, mortos e feridos, houve mais uma divisão, desta vez algumas famílias foram para Camamu. Alguns ainda vivem lá, outros já retornaram para o Caramuru, outras vivem em diferentes aldeias ou em cidades circunvizinhas, porem durante o período em que Saracura tentou sem sucesso organizar seu Povo, não aconteceu só desastre.

O Povo Pataxó Hãhãhãe teve momentos de bons acontecimentos, houve implantação de escola, fortalecimento da cultura, algumas retomadas sem sucesso, muitas resistências e respeito por maioria dos indígenas, muito apoio de voluntários, instituições, ONGs, pouco recurso, uma vez que fazendeiros faziam ofertas de malas de dinheiro a alguns líderes e também a não indígenas que tentavam ajudá-los.

Com o reconhecimento de suas terras, os conflitos entre índios e fazendeiros se intensificaram, a justiça tinha um propósito, reduzir as terras dos indígenas, fato já conhecido desde a época do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), que juntamente com o governo da Bahia, no período entre 1936 a 1938, tentou reduzir mais uma vez as terras do Povo Pataxó Hãhãhãe, uma vez que eram

cinquenta léguas em quadradas, equivalentes a 300 km<sup>2</sup>, passando a ser, 54.105 hectares de terras.

Os trabalhos não foram totalmente concluídos, ou seja, a demarcação não foi fechada com alegação de que havia índios bravos impossibilitando o trabalho, além de que, o Sr. Juracy Magalhães tinha encaminhado uma determinação expressa interditando a demarcação, alegando problemas administrativos e a maneira que estava sendo feito o trabalho. A partir daí a área ficou dividida em dois grupos, Caramuru, no Itajú do Colônia, e Paraguaçu em Pau Brasil, sendo que as linhas divisórias ficam próximas ao centro da aldeia, fato ocorrido a partir de 1982.

Com o crescimento demográfico da comunidade Pataxó Hãhãhãe e a tentativa de recuperar parte do T.I. Caramuru Catarina Paraguaçu, o cacique Saracura, seu vice Nailton Muniz, e demais lideranças e comunidade organizaram mais uma reocupação (retomada), porém precisava ter certeza de que as estratégias seriam viáveis. Mas, o que parecia ser bom para alguns, não estava agradando a grande maioria, pois esses entendiam que, por trás destas reocupações, havia certo interesse para beneficiar algumas famílias, o que chegou a ocasionar vários conflitos entre os próprios indígenas, dificultando o processo de retomada por um bom período.

Em 1997, a comunidade indígena Pataxó Hãhãhãe sofreu um grande abalo com a morte do indígena Galdino Jesus dos Santos, que estava na Capital Federal, junto com outras lideranças, reivindicando o andamento do processo de demarcação da T.I Caramuru. Foi a partir da sua morte que a comunidade indígena estabeleceu um novo acordo no processo de retomadas, então todos se reorganizaram para dar continuidade na busca dos seus direitos e a conquistas do território que um dia lhe foram roubadas.

Após vários assassinatos e espancamentos de índios na área, diante do desrespeito aos direitos mais básicos dessas populações e da morosidade de uma definição por parte da justiça, os índios reconhecem que uma das poucas estratégias possíveis para a recuperação do seu território são as retomadas organizadas, exemplo das que ocorreram em 1997 nas fazendas Paraíso, Bom Jesus, São Sebastião, Nova Vida I e Nova Vida II, dando origem a Aldeia Novo Mundo (Povos Indígenas no Sul da Bahia, 2002, p 375).

Nesse novo processo de retomada, a comunidade indígena Pataxó Hãhãhãe obteve êxito na reocupação de três fazendas dentro da T.I Caramuru. A comunidade indígena entendeu que o processo de retomada não poderia mais ficar na espera do poder judicial, pois o território ocupado estava ficando cada vez menor com o aumento das famílias, dentre esses processos outras terras foram conquistadas, sendo que, em algumas das situações, a justiça lhe expedia o pedido de liminar contra os índios, reintegrando algumas fazendas aos fazendeiros, mas nunca houve desistência da conquista pelo território, o que serviu como uma certa pressão para que a justiça demarcasse de vez a T.I pertencente ao povo Pataxó Hãhãhãe.

Numa quarta feira de 02 de maio de 2012, o território indígena teve seus títulos julgados a favor da comunidade indígena Pataxó Hãhãhãe. A partir daí toda comunidade vem passando por algumas mudanças e transformações no seu contexto sociocultural, político e econômico, que têm influenciado no comportamento individual e coletivo da comunidade.

Após a conquista de todo território, muitas coisas na comunidade têm acontecido, uma delas, ou a principal, é a falta de organização dos caciques e lideranças, além do chefe de posto da CTL FUNAI. Depois de tantas lutas e sofrimentos, poucos estão de fato usufruindo a tão sonhada terra, enquanto muitos ainda continuam sofrendo ao ver que a terra está sendo mal distribuída, podendo ser a causa de graves conflitos entre indígenas.

Muitas coisas têm acontecido, mas é preciso refletir que, o povo também precisar compreender que a organização também precisa da comunidade, pois as lideranças são escolhidas pelo povo, sendo assim, os caciques direcionam a organização da comunidade. É preciso debater quais os melhores caminhos a serem trilhados, em alguns casos, decisões foram tomadas sem o conhecimento da comunidade, porque parte da comunidade não estava exercendo o papel da participação, e isso tem causado desavenças internas. Muitos atribuem às tarefas que é de todos apenas para os caciques, e têm esquecido que a participação é de todos, não é só o cacique que tem de garantir um trabalho que favorece o povo, todos precisam exercer o papel de ser indígena.

Hoje os caciques do povo pataxó Hãhãhãe tem procurado a unificação para um bom desenvolvimento interno, pois há uma necessidade do próprio povo se organizar e chegar a uma conclusão, em que todos possam falar a mesma língua, e o que vinha acontecendo era justamente uma discordância sem fundamentos, em que uns queriam de um jeito e outros de outro jeito, toda carga era atribuída apenas para as lideranças.

## O POVO PATAXÓ HÃHÃHÃE E SEUS CACIQUES

O povo Pataxó Hãhãhãe quando retomou o seu território de origem, no ano de 1982, não tinha uma necessidade de ter mais de um cacique, sendo assim o cacique tinha o papel de organizar a sua comunidade, até mesmo porque naquela época era mais fácil de manter o controle, pois todos estavam em uma mesma localidade.

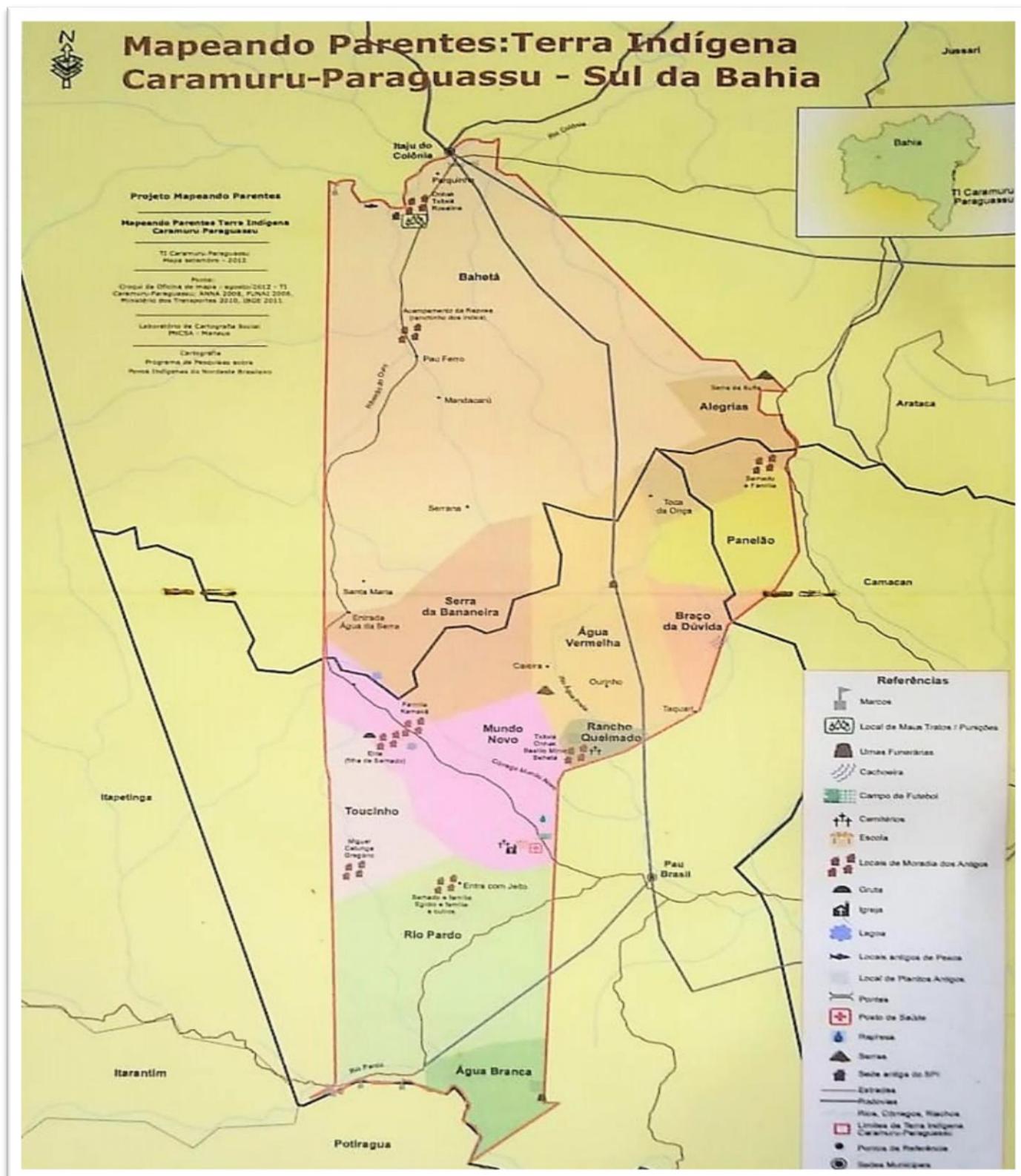
Ainda no ano de 1984, houve uma divisão interna, e a comunidade sentiu a necessidade de ampliar o cacicado. Sendo assim, se formou mais um cacique, mas é importante ressaltar que esses caciques passavam por um processo de substituição, quando a comunidade entendia que aquele cacique que foi colocado pelo povo não estava mais correspondendo às demandas. Os caciques ficavam no cargo por dois ou três anos, alguns até mais, esse processo de substituição de caciques sempre foi comum na comunidade do povo Pataxó Hãhãhãe.

No ano de 1995, o povo Pataxó Hãhãhãe se organizou para dar continuidade ao processo de recuperação do território, então começa a traçar uma nova luta, e as retomadas pela conquista do território, que sempre foi o sonho do povo Pataxó Hãhãhãe, mais uma vez se inicia. As fazendas que estavam nas mãos dos fazendeiros já não tinham a característica de Aldeias, pois muitas áreas de matas foram substituídas pela pastagem, onde se criava muito gado.

A luta pelo território não acontecia apenas nos territórios, os caciques acompanhados por suas lideranças e parte da comunidade sempre estavam indo a Brasília, onde também exigiam do poder judiciário, para que a Terra Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu fosse demarcada, homologada e julgada. Durante essas lutas, aconteceram muitas reintegrações de posse, quando os indígenas na maioria das vezes eram retirados das retomadas pela Polícia Federal, pela Força Nacional e até mesmo pela Polícia Militar. Mas a conquista pelo território sempre foi o objetivo do Povo Pataxó Hãhãhãe, e novas retomadas aconteciam, mesmo com as reintegrações de posses que aconteciam constantemente, o povo pataxó Hãhãhãe sempre planejava e reorganizava novas retomadas.

Na medida em que o território ia crescendo, o povo sentia a necessidade de mais caciques, por que apenas dois ou três caciques não davam conta de atender toda comunidade, então a comunidade se reunia para promover eleições de

novos caciques para atender às micro regiões. Hoje, o povo Pataxó Hãhãhãe tem um quantitativo de 14 caciques atuantes em diversas regiões do território Caramuru Catarina Paraguaçu.



Mapa do T.I Caramuru- Pataxó Hãhãhãe

Foto (mapeando parentes)

### Lista dos Caciques do povo Pataxó Hãhãhãe a partir de 1982

- NELSON SARACURA.....EX CACIQUE
- JOÃO CRAVINHO ..... EM MEMÓRIA
- NAILTON MUNIZ.....ATUANTE
- SAMADO SANTOS..... EM MEMÓRIA
- OSVALDO TRAJANO.....EM MEMÓRIA
- OSMAR JULIO.....EX CACIQUE
- EUSEBIO.....EM MEMÓRIA
- JUVENAL TRAJANO.....EM MEMÓRIA
- EDISIO.....EM MEMORIA
- JURACI.....EX CACIQUE
- DOMINGOS MUNIZ.....EX CACIQUE
- MANOEL MUNIZ.....ATUANTE
- WILSON JESUS.....EX CACIQUE
- GERSON DE SOUZA MELLO..... EM MEMÓRIA
- MARILENE JESUS.....EX CACICA
- EVANGELISTA BISPO.....EX CACIQUE
- ILZA RODRIGUES.....ATUANTE
- DIOGINES.....ATUANTE
- ROQUE.....EM MEMÓRIA
- JORGE INDIO.....EM MEMÓRIA
- ANTÔNIO.....EX CACIQUE
- ALCIDES (PIBA).....EX CACIQUE
- ADILSON.....EX CACIQUE
- REGINALDO RAMOS .....EX CACIQUE
- JEAN .....ATUANTE
- EDNILSON (NITO).....ATUANTE
- ARITANAN MUNIZ.....ATUANTE
- LUCAS DOS SANTOS.....ATUANTE
- FLAVIO TRAJANO.....ATUANTE
- LUIZ FERREIRA.....ATUANTE
- JORGE NERIS.....ATUANTE
- JOSIVALDO.....ATUANTE
- ZENOLIA DE SOUZA MELLO.....ATUANTE

## Nelson Saracura

Meu nome é Nelson, mas conhecido como Nelson Saracura. Quando eu sair do caramuru naquela revolta, foi muito triste, não gosto nem de lembrar. De lá vim para Barra Velha e depois fui para Minas, nesse percurso já tinha experiência como liderança do meu pai. Meu pai passou seu cacicado pai para mim, pois era dessa forma que se trabalhava, o conceito de cacique era passado de pai para filho. Eu pensei que viver em outra aldeia que não a minha seria melhor, mas na verdade era tristeza. Então decidi voltar para minha vida, o local onde nasci e vi as



Foto (Edmar – 2021)

primeiras imagens, assim eu voltei para Caramuru, onde encontrei muita confusão, que de tão grande mostrou-se ao mundo inteiro por meios de comunicação. Continuei com meu cacicado junto com minhas lideranças e comunidade todos se ajudando, outras pessoas e indígenas também nos auxiliou a continuar no território nos anos de 1982.

Logo em minha chegada o CIMI (conselho Missionário Indigenista) logo se colocou à disposição a nosso apoio e foi muito bom para todos nós, isso nos ajudou a se manter mesmo com tantas adversidades, eu por perto e continuei meu trabalho como cacique. Como cacique sempre requeria seriedade, não gosto de negócio errado, e o que não é certo, é errado! Então fui preparado para ser um cacique dessa maneira, e até hoje já com quase 90 anos, graças a Deus tenho esse respeito em todos lugares onde ando, tenho o prazer de dizer que conheço todas aldeias, no extremo Sul da Bahia, fiz reuniões com quase todos os caciques e conheço quase todos os mais velhos, e graças a Deus tenho o respeito de todos, isso para mim é uma riqueza. Quando voltei ao Caramuru retornando a esse ponto, eu achei que eu voltei porque desejava ver meus parentes todos reunidos, pois

sabia que muitos estavam sofrendo ataques e sendo mortos, isso me entristeceu demais, e foi no intuito de fortalecer nossa luta bem como reconquistar nosso território (aldeia). A partir de então comecei um trabalho de apoio aos parentes, incentivando apenas a presença dos indígenas nessa área e por consequência reprimindo a presença de outras pessoas não eram indígenas que tanto nos fazia mal. Hoje mesmo não morando mais em Caramuru sempre me coloco a disposição de estar ajudando meu povo, todos que me procura sempre tem conselhos de minha parte, para fazer um bom trabalho para com a comunidade e me sinto feliz e realizado por ter participado da história do povo Pataxó Hãhãhãe, ver meus parentes assegurados no seu território é meu maior orgulho. O cacique deve estar sempre como referência de sua comunidade, as lideranças deve estar junto na luta com sua cultura, o cacique deve respeito à comunidade e lutar por essa comunidade, e infelizmente nem todos estão fazendo isso, por isso é importante que outros líderes repreendam esses atos para que sirva de exemplo, visando que, coisas erradas não aconteça com frequência. Hoje eu oriento toda liderança aqui também na comunidade Coroa Vermelha onde vivo hoje, onde quem está errando passe a fazer o correto afim de ver um bom trabalho.

Hoje vejo muitas lideranças ocupando a função por anseio de benefícios individuais, deixando a comunidade em segundo plano! Só que não é o objetivo da luta, o objetivo é diferente, o respeito para com a comunidade é algo fundamental para o cacique, não tem jeito de um líder fazer nada sem estar junto da comunidade, cada um no seu lugar cada um respeitando o direito do outro, respeito ao patrimônio que moramos, isso é o dever do cacique, vejo em alguns caciques de agora práticas isoladas de sua comunidade e acha que pode ser feliz, quer fazer o que ele quer, e por isso, hoje nós vivemos uma situação muito delicada. Estão aprendendo regulamento de desrespeito tanto lá “fora” quanto dentro da aldeia, isso para mim é uma tristeza muito grande, pois tudo que fiz no princípio, os direitos civis ligados os caciques, hoje não vejo alguns fazer, isso para mim é uma tristeza grande. Estou aqui se me chama eu estou presente para orientar explicar dizendo, todas as vezes tem que respeitar a comunidade, cacique não pode mandar sozinho, ele é o mensageiro da comunidade, ele deve levar as demandas e trazer soluções, essa cultura aprendi desde criança com meus avós isso é o correto.

Uma outra tristeza que me vem à memória é, com essas coisas dos caciques estar se relacionando economicamente com alugueis de pasto e mesmo fazendo acordos financeiros com não indígenas incentivando uma pratica que no passado já se mostrou nociva para nossa comunidade. Deve ser lembrado que a história do povo pataxó Hãhãhãe teve em seu histórico a ação de grileiros, arrendatários e fazendeiros com a expulsão e mortes de nossos parentes de nossa terra, lembro que nós saímos fugido anoite e a pé, para outras aldeias afim de não sermos mortos como outros parentes, infelizmente isso aconteceu porque alguns indígenas, que eu não vou citar nomes porque não convém, quero exortar, que sei de alguns indígenas que começou a alugar terra para pasteio de gado.

Eu quero deixar bem claro para meus parentes do Caramuru, um alerta para quem está fazendo isso alugando manga. Meu irmão, será que vocês querem que caramuru volta 50 ou 60 anos atrás? Se prepare porque isso vai acontecer, porque foi assim que aconteceu, um, dois, três alugaram e todos sofreram, mesmo quem não merecia! Eu não quero que aconteça de ver meu sangue o nosso sangue, nosso suor a luta que passamos para adquirir a terra de volta, foi dolorido, muitos nos ajudaram para nós aí estar, muitos órgãos, federais, estadual, ONGs e entidades ajudaram para conseguir o que se tem hoje, poucos devem se lembrar, mas eu estava junto em todas as coisas, hoje eu estuo vendo isso tudo e me entristeço.

Deixo um recado, pelo amor de Deus, valoriza o nosso suor, lagrima, sangue, nosso esforço pelo amor de Deus! Cuidado e atenção não se iluda com o dinheiro, e se necessitar desenvolva um trabalho e ganhe dinheiro.

Pelo amor de Deus, pelo amor de nossos filhos, nossas famílias aos que já morreram que não estão entre nós, não volte mais a cometer esses erros, pelo bem do respeito do seu patrimônio e de seus irmãos, lembrem sempre dos guerreiros que lutaram como Samado, tio Domingo, tio Terto, Bite, meu pai Ursulino que hoje está enterrado nessa terra, tem muitas vidas ofertadas na luta por direito a respeito. Muito obrigado.

*Nelson Saracura*

## Samado Santos

Teodoro filho de Samado, meu pai deu início a sua trajetória em 78, mas antes disso teve a trajetória dele, onde conseguiu reunir uma família que nesse tempo não estavam aqui, reuniu família lá de Bahetá, aqui da Serra da bananeira, Dona Carmosina, dona Egídia, o pessoal Juvenal e também o pessoal da dona Lucília Muniz, que é mesmo pessoal de Nailton que vieram de Palmira. Todos se reunirão e o colocaram como cacique, mas antes disso ele teve a sua trajetória, ele



arquivo (CIMI)

toda a vida lutou por isso aqui, teve uma vez que ele aqui mesmo em Caramuru morando aqui na serra, foi atacado foi preso junto com seu irmão e liderança Diógenes, e os levaram para a aldeia dos Krenak, e com muita luta de seu irmão Roque e sua mãe Zeferina, viajaram para Brasília, tiraram ele e ele retornou, mas ele não parou a luta nunca se intimidou e continuou.

Ele foi preso no ano de 72 pelo regime militar porém não se intimidou e continuou a luta pelos 54.105 mil hectares de terra então teve a vitória junto com os outros indígenas, começaram a demarcação da terra que é a que estamos residindo agora, essa luta dele e dos outros guerreiros parceiros, aí teve também o início da medição. Ele começou a atuar muito novo aqui dentro entre 16 para 17 anos, ele acompanhou primeira medição daqui que foi entre 86/88, nessa primeira medição ele retorna com a família inteira para dentro desse território, e continua seu trajeto de luta, ele com sua liderança mesmo só conseguiu reunir os indígenas Pataxó Hãhãhãe que estavam dispersos fora do nosso território, ele foi o único que mesmo com todas essas adversidades não saiu daqui. Mesmo mudando de um canto para outro, daqui para Itajú do Colônia, mudou daqui para Panelão, mas sempre retornava. Ele conseguiu ficar dentro do território sem sair um dia se quer nesses 54

mil hectares, por isso que a luta dele começou graças a Deus termino com vitória, essa luta dele foi uma luta conjunta com outros parentes que trabalhavam juntos.

Como cacique Samado atuou de 1978 a 1997 data que coincide com seu falecimento, deixou uma luta registrado aqui dentro, maior guerreiro nunca fugiu da luta por isso é um orgulho muito grande de ter ele como referência, algumas pessoas, como profissionais, fazendeiros, e funcionários da FUNAI, tentaram negociar a saída do cacique Samado e de famílias da terra Indígena Caramuru, pagando muito dinheiro, e algumas coisinhas que os indígenas tinham para levar para Almada, mas mesmo assim ele não se contentou muito menos concordou com isso, procurou a justiça, no intuito de trazer aqueles que cederam a proposta de volta, por isso ele foi processado. Mas conseguiu, trouxe de volta a primeira vez. Depois teve um segundo episódio foi quando os indígenas entraram em conflito com os demais parentes e mais uma vez temos uma saída de algumas famílias do território, inclusive a primeira vez que retiraram os parentes daqui de dentro, nós ficamos sozinhos com apenas 11 pessoas. Foi quando houve as ofertas para ele (cacique Samado), sair da terra indígena e morar em fazenda, casas boas, fazenda porteira fechada, em qualquer lugar do estado da Bahia, houve essas propostas, mas a resposta dele foi a citada por seu filho *“que aqui ele seria o pó nessa terra, e dela ele não saia”*.

O primeiro movimento de retirada do povo dessa terra para Amada se deu no ano de 83/84, já o segundo que se trata de uma tentativa de enfraquecer o movimento indígena se deu com fazendeiros, alguns daqui de dentro com o apoio polícia militar foi em 86, mas sempre houve aqueles que assim como o cacique Samado resistiram e nunca deixaram essa terra.

Na luta dele ele teve como aprendiz outros que posteriormente começou a exercer papel de lideranças, a exemplo cacique Nailton Pataxó, Gerson Pataxó, Juraci, Ninho, Juvenal, Vardo entre outros que aprendeu com a trajetória dele, os que exerceram um bom trabalho parabéns, aqueles que por sua vez não o fizeram com certeza não seguiu verdadeiramente seu exemplo.

*Frase deixada pelo Cacique Samado. “sirvo ate de adubo para esta terra, mas dela não saio”*

## Jorge Índio



Foto ( arquivo – CIMI )

Jorge Francisco Filho foi um dos primeiros caciques na aldeia Bahetá no ano de 1982, por hora recordo-me bem que ele deixou de ser cacique no ano de 1997, o legado de Jorge na posição de cacique, foi um dos guerreiros que ajudou a lutar pela permanência nosso território em especial a região de Bahetá uma pequena aldeia e aqui no estado da Bahia município de Itajú do Colônia. Jorge, com seus irmãos e sua comunidade foram guerreiros que resistiram e foram exemplo de resistência, e persistência aqui na aldeia Bahetá, esse exemplo de resistência, incentivou a comunidade junto as lideranças, dar início as retomadas do território a começar pela fazenda São Lucas, situada no município de Pau-Brasil, BA. Em 1982 Jorge foi um desses guerreiros que ao deixar de cacicado, deixou o seu irmão mais novo *Alcides Francisco Filho* conhecido como (**Piba**) e também teve sua participação na liderança como cacique entre os anos de 1997 a 2002, onde eu Akãawã Baenã também comecei a atuar como cacique, até 2016. Jorge foi um desses guerreiros, exemplo de resistência dentro do território, seu legado nos oportunizou em 2012 ter nosso território novamente em posse.

*Relato de Akanawã Baenã - 2022*

### Juraci Santana ( Purí )

Meu nome é Juraci Santana (*Pury*), sou ex cacique do povo Pataxó Hãhãhãe, iniciei meu cacicado em 1992, estive por um período fora da aldeia, mas voltei no período de retomada de 82, vendo a necessidade da minha comunidade, me coloquei a disposição para exercer a função de cacique, como cacique continuidade no processo de reconquista da terra bem como lutar pela comunidade, junto com outras lideranças, como Ninho, Gerson, Guducha e outros se deslocamos para Ilheus onde o



Foto (Edmar- 2022)

processo judicial estava tramite, meus esforços contribuíram de forma significativa para essa grande conquista, estivemos em Brasília, fazendo reivindicações para a comunidade, isso no ano de 1995, onde tive meu primeiro contato com os órgãos desse estado DF, o resultado dessa viagem foi dois veículos para auxiliar as demandas da comunidade. Como resultado dessa luta tive a notícia que o processo de nossa terra que estava engavetado no município de Ilhéus, BA tinha sido jugado favorável a nosso povo, com o auxílio da doutora Maria Hilda, procurei rapidamente esse nosso direito, uma grande conquista pois até então não tínhamos muita garantia do nosso território! Nesse período conheci algumas pessoas que atuavam em defesa de nossos direitos como o srº Adailton representante da FUNAI, recebemos a visita de peritos que começaram a demarcar geograficamente o território Pataxó Hãhãhãe, acompanhei essa demarcação, inclusive com a presença de delegado de polícia federal, isso no mês de maio ano de 1996.

O cacique deve saber o que fazer para sua comunidade, o cacique é como um chefe, organiza seu povo e depois sai para fazer as reivindicações, o cacique deve ser humilde para com a sua comunidade, o cacique pode ser homem ou mulher, mas o dever de respeito para com a comunidade é o que realmente

importa, nessa função a qualquer momento o povo pode requer um auxílio independente da hora. Eu não sabia ler, mas isso nunca me impediu de lutar pelo meu povo com respeito e sendo respeitado por todas as autoridades que me direcionava. Sempre houve aqueles que querem atrapalhar o trabalho do cacique inclusive os poceiros, que se diziam fazendeiros, que ameaçavam as lideranças e comunidade, inclusive eu tive de sair da aldeia e me refugiar em outros locais para poder viajar em busca de melhorias para comunidade, a falta de recurso da FUNAI era algo recorrente, e isso fazia as coisas ficarem ainda pior, mas, o papel do cacique é sempre animar seu povo na certeza que deus vai ajudar os esforços feitos por todo.

A mensagem que deixo para todos da minha comunidade tanto liderança como comunidade é que haja união, pois hoje estamos com nossa terra em mãos e precisamos trabalhar juntos, inclusive se desviando das armadilhas do capitalismo que sempre aparece propostas para minerar nossas terras, hoje é importante que nossa comunidade possa se atentar para o tamanho do nosso território, ver os parentes que tem pouco e aqueles que tem mais, fazer uma divisão justa para todos ter um pedaço de terra para trabalhar, mas reforço que isso só acontecera se tivermos união e respeito as nossas lideranças.

Quando sai em 1996-1997 na época trágica para o povo Hãhãhãï, a perda do guerreiro Galdino assassinado a fogo em Brasília, sei que fiz um bom trabalho e sei que a comunidade foi feliz com meu cacicado.

*Juraci Santana ( Purí )*

## Ex Cacique Domingos Francisco Muniz

Meu nome é Domingos Francisco Muniz, da etnia Tupinambá, mais residente e nascido dentro do território do posto Indígena Caramuru Catharina Paraguaçu no município de Pau Brasil pertencente ao povo Pataxó Hãhãhãe.

Durante todo o período em que eu vivi dentro da comunidade, um certo dia eu fui escolhido para estar suprindo a vaga de um parentesco que tinha sofrido algum problema de saúde, e eu tive que ficar como Cacique durante um período. Em 1992 eu fui escolhido e fiquei liderando junto com outros cacicados que já existiam na época por um período de 5 a 6 anos.



*Foto: Domingos Muniz - 2022*

objetivo do cacique é estar de frente com a causa do povo e defendendo sempre o seu povo dentro desse objetivo, e foi o meu o meu trabalho feito durante esse pequeno período, não fui um Cacique de muitos trabalho, porque na época os trabalhos eram poucos, mais eu lembro que eu fiz um trabalho bom também para a comunidade, em uma época que deu uma ventania muito forte na região, e derrubou muitas casas, e levou embora da casas que já tinham coberturas de Eternit, e nessa época eu era o cacique, então esse foi um dos trabalhos especial que eu fiz para comunidade, porque aí eu corri imediatamente e consegui fazer pedidos de eternit e fui contemplado no pedido, e a comunidade foi contemplada também com o material que foram os telhados, e todos aqueles que tiveram suas casas destelhadas receberam de volta novas telhas.

Esse trabalho foi por pouco tempo, depois durante esse período o meu pensamento era sempre ter uma união fechada dentro da comunidade, com um líder só principal dentro da comunidade, com suas lideranças para estar junto e trabalhando a benefício do mesmo que seria o povo. Então eu peguei e comecei a pensar nessa união e um dia eu falei com o cacique Juraci para a gente ir para uma disputa, uma disputa de cacicado para a gente tentar colocar um cacique só para

defender o povo na comunidade indígena Caramuru Catarina Paraguaçu aqui em Pau Brasil, e aí a gente foi para a disputa e na verdade a partir daquele dia ali eu perdi o cacicado, e Juraci Santana ficou como o líder principal dentro da comunidade indígena Caramuru Catarina Paraguaçu, então o meu tempo foi um tempo curto, não fiz muita coisa durante esse período, por também naquela época a comunidade não necessitava de muita coisa, necessitava, mas no momento a gente não podia estar fazendo esse trabalho, também por as condições não estarem boa, então entreguei o meu mandato para Juraci Santana que isso mais ou menos em 1997. Fiquei no cacicado de 1993 a 1996.

*Domingos Muniz*

### João Cravinho



Foto da internet ( Arquivo do CIMI)

João Paixão Jesus dos Santos, conhecido como João Cravim, chegou no caramuru em junho de 1983, poucos meses depois já ingressou no quadro de liderança do cacique saracura, se tornou cacique ainda no início de 1987 logo após o conflito ocorrido em novembro de 1986, João Cravim entrou eleito com o objetivo de promover a paz visto que a comunidade ainda estava em conflito interno muito intenso, tinha também a missão de impedir uma possível transferência de todos os Pataxó Hãhãhãe daqui do território para outra região, proposta na época feita pelo os fazendeiros, e proposta aceita por um grupo de índios que a qual foi transferido pra Camamu, mas a grande missão de João Cravim foi restabelecer a ordem a paz e unificar essa comunidade, todas essas missões foram cumpridas, mas isso custou a sua vida, em outubro de 1988 foi assassinado em tocaia na estrada que liga à aldeia a cidade de Pau Brasil, crime de mando liderada por uma advogada dos fazendeiros na época por wildes Costa.

*Por Wilson de Jesus Souza*

## Osmar Júlio da Silva

Meu nome é Osmar Júlio da Silva, nome indígena Aruanã, sou da etnia Kamacã pertencente ao Pataxó Hãhãe e moro na região da Milagrosa. Sou casado há 36 anos com a cacica Ilza da etnia Cariri sapuyá.

Iniciei o cacicado no ano de 1987 e sair em 1989, fui colocado pelos Anciões e indicado por Desiderio, Eusebio, Samado, Jovenal pai de João Cravinho e Galdino que se reuniram para mim colocar no cacicado. Eu trabalhei esse período, fiquei dois anos no cacicado. Para mim foi uma experiência, obtive muitos conhecimentos com outros povos.

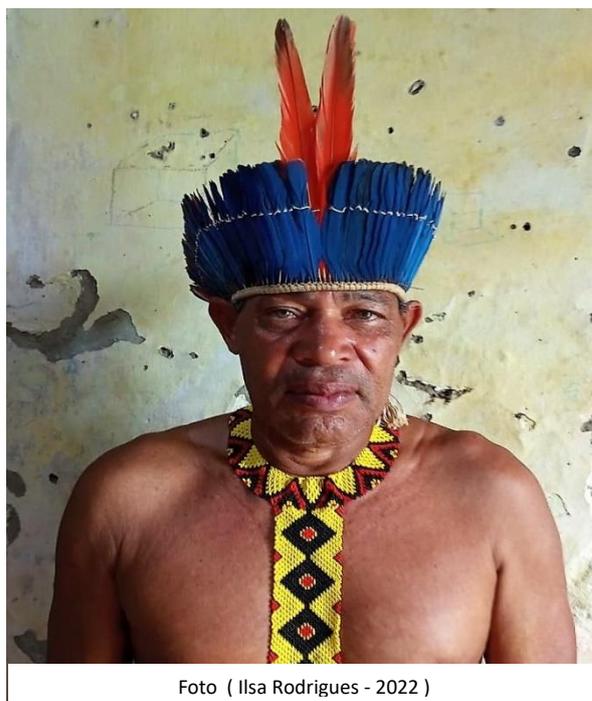


Foto ( Ilza Rodrigues - 2022 )

O papel do da liderança é juntar o seu povo, nunca querer trabalhar só, trabalhei junto com as lideranças, meu vice cacique foi Wilson que hoje é chefe do posto Caramuru, juntos tocamos os trabalhos nesse período de dois anos, foi uma grande experiência para nós. Na época era muito difícil as coisas, mas a gente tinha que juntar nosso povo, pois o papel da liderança do Cacique ajuntar o povo e unificar o povo para a luta maior.

É muito importante um cacique na comunidade para unificar o povo, quanto mais um povo unido jamais será vencido, sempre procuramos fazer um trabalho em conjunto, pois que é trabalhar em conjuntura com suas lideranças para reivindicar as coisas da comunidade. Quando eu trabalhei esse período eu era muito novo, depois deixei a patente para outro parente da continuidade por que a nossa luta é uma construção, cada um coloca um tijolo na parede e vai dando o espaço para outros, por que a luta é muito pesada, então a gente tem que dividir a vontade com a dos outros.

Quando eu trabalhei no cacicado não tinha muito caciques muito, por que na época o território era 79 hectares, hoje nós estamos com 54.209 hectares, então

espalhou muitos caciques para atender o território, isso por conta das distancias das regiões.

O recado que eu deixo para comunidade é que os caciques se unificam para a luta ser mais transparente, se mais unida, por que se os caciques estiverem unidos, a comunidade também vai estar unida, pois o cacique é o porta-voz e o Conselheiro da comunidade.

*Osmar Julho*

## Cacique Nailton Muniz

Eu sou cacique Nailton um dos caciques aqui do posto indígena Caramuru Catarina Paraguaçu que fica no sul da Bahia no município de Pau-brasil. Eu entrei na liderança em 1975, depois como articulador da família para voltar para nossas terras que foram roubados em arrendamento cedidos pelo **SPI** (Serviço de Proteção ao Índio), fazendeiros, plantadores de cacau e pecuaristas.



Foto (Uiliam Fernandes), 2022

Também articulei no nosso pessoal, conseguir jantar 16 família com 64 pessoas e com essas pessoas a gente planejou o retorno para área indígena, e reivindicamos várias vezes na FUNAI, e nessa data vem vindo outros índios pataxó que morava na fazenda Guarani em Minas Gerais, e aqui se ajuntamos e fizemos a ocupação na Fazenda São Lucas, que tina por dono srº Geno Ferreira Rocha, isso em 1982, ano que fizemos essa retomada aqui, e daí para frente começamos a reivindicar a demarcação do território, trabalhamos por muito tempo sofrendo pressão de alguns grupos, também transferiram alguns e agente trabalhou a volta deles, com mandado de segurança, o pessoal voltou e a gente continuou a nossa luta reivindicando o nosso território, por ano fazíamos 5, 8, ou 10 retomadas e isso foi se passando o tempo, a FUNAI deu entrada na justiça pedindo a nulidade de título, essa ação se arrastou no Supremo Tribunal Federal por 30 anos, e só foi julgado após os Pataxó Hãhãhãe botar os fazendeiros para fora, então tivemos uma luta muito grande aqui foi 30 anos para reconquistar o território, e agora depois do território reconquistado estamos trabalhando, a FUNAI não nos oferta recursos, mas a gente estamos lutando, aos poucos plantamos o pão de cada dia, nossas verdura, cereais para garantir a nossa alimentação, e torcer para que algum dia possamos garantir a auto sustentação. Então quando eu passei a ser cacique, isso em 82 para cá eu fui entender que a responsabilidade de um cacique, é muito grande, ter o compromisso de retornar para comunidade em benefício da confiança que recebemos, a partir do momento que o cacique é eleito, então a gente vai fazendo essas observações e descobrindo que é uma responsabilidade, que tem um número expressivo de tarefas para que possa ser correspondida, trabalhei junto à comunidade, participei de 396

retomadas que são as fazendas que está localizada dentro do nosso território, conseguimos junto expulsar 396 fazendeiro do nosso território isso por 30 anos, no dia 12 de abril de 2012, começamos a retomar o restante de nosso território aqui na região do Rio Pardo, região entendida como bacia leiteira dos fazendeiros, e no dia 19 de abril de 2012 conseguimos retirar o último fazendeiro. Quando nós viemos para aqui em 82 coincidentemente a data foi 19 de abril. Justamente foi em 19 de abril que incendiaram o parente Galdino vivo em Brasília! Essa mesma data e marca o dia que o último fazendeiro deixa nosso território, então parece que tem algo especial, pois fatos importantes aconteceram em abril como se fosse uma vingança contra tudo que fizeram contra o nosso povo. Hoje recuperamos nosso território, estamos trabalhando nos levantamentos dos igarapés para trabalhar o reflorestamento para fazer jorrar novamente os nossos córregos, nossos ribeirão e igarapés, pois esses foram “mortos” pelo pé do boi, estamos trabalhando juntos com a possibilidade de reflorestar grande parte do nosso território, alguns já estamos encapoeirando com a árvore natural da região. E estamos juntos idealizando, estudando, conversando de que maneira que devemos desenvolver todo esse trabalho, para que corresponda essa luta de recuperação do oxigênio no nosso município da nossa região. O cacique deve ter o sonho, e esse sonho deve virar uma paixão por seu território, uma paixão pela sua comunidade, uma paixão e disposição para “correr” atrás de tudo que vem influenciar o bem-estar da comunidade, e esses sonhos são realizado, se realmente ele tiver um pensamento positivo, tratar de forma sincera, respeito para com os que ele considere sua comunidade, ele deve respeita a decisão da comunidade, o cacique que tem todos esses comportamento para com sua comunidade, tenho certeza que ele pode chegar além de suas pretensões, sempre fui cacique nunca aceitei emprego de ninguém graças a Deus toda vida trabalhei com a terra, hoje estou aposentado, mas não parei a minha luta e sempre estou participando, é sabido que não é todo mundo que gosta de pessoas que tenham essa disposição e que se comporta dessa maneira, mas, eu estou exercendo o cacicado, e fazendo valer a garantia do nosso território, foram criadas aldeias circunvizinhas nas extremidades para que possamos estar vigilante em todas as nossas região. Essas são moradia de índios que residem nessas aldeias e todos produzem, porém não muito afinal falta incentivo do governo,

se o governo investisse a gente tinha uma produção abastecendo nossa aldeia a cidade de Pau-Brasil e as cidades vizinhas a nosso território, isso iria garantir uma renda suficiente para a nossa comunidade e os parentes teriam seu sustento. Gostaria de mandar um recado aqui para os jovens, não apenas de nossa comunidade, mais para todos, que tiver conhecimento desse trabalho, sobre a importância que é, a escola de formação de liderança, é por ela que o jovem passa a ter conhecimento do papel do cacique, que deve estar tocando roças e outras atividades comunitárias. É importante que a gente ensine nossos filhos a querer reforçar a cultura do plantio, temos que estar praticando o nosso poranci que é a nossa dança chamada dos encantados, por que os encantados é uma ser muito importante nos trabalhos comunitários, no trabalho de cultural que praticamos dentro da nossa comunidade, os encantados é orientador, mensageiro de luz que vem para direcionar qual é o caminho que devemos seguir para fazer tudo certo, para reforçar nossa comunidade, o cacique a liderança que está sendo formado tem que entender bem do trabalho da agricultura, o trabalho de produção de artesanatos, o grupo que trabalha para organizar a parte religiosa e espiritual, todos esses conhecimentos é importante saber, as estratégias de luta para se fazer uma retomada (reconquistar um território), o jovem deve ter esse conhecimento, essa consciência para se trabalhar como cacique, para ser um Cacique que atue firme na defesa do seu território, na conquista de seu território, os jovens têm que estar bem orientado sobre essa parte, pois as estratégia de retomada não é brincadeira, ela não é uma estratégia que se invente ela deve ser verdadeira porque, o pensamento é de se ocupar e resistir, é ter a manutenção de posse garantida, essa manutenção é composta por todos esses detalhes que já foi explicado. Também gostaria que os jovens que ouvir e conhecer essa história essa mensagem, possam entender que, para se receber um posto de cacique, é importante que ele seja o porta-voz de sua comunidade.

*Nailton Muniz*

### **Wilson de Jesus Souza Ex Cacique, e atual chefe da CTL - FUNAI**

Sou Wilson de Jesus Souza (**Ninho**), meu cacicado aqui foi por um curto período de tempo, no início do ano de 1990 e terminou em 1992, nesse período em que fui cacique, foi um período que tinha muitos caciques observando pedaço de terra, que era muito pequeno, na região do Caramuru antiga fazenda São Lucas, e como eu lhe disse foi um período que tinha vários cacicados e isso intensificava as briga interna, a disputa ferrenha por espaço pequeno, as famílias não era a mesma quantidade de hoje, entrei para



Foto ( Maira Nunes – 2022)

tentar unificar a comunidade e graças a Deus consegui, então fiquei sendo o cacique único da comunidade, mas sempre afirmava, toda vez que eu entrava não vou ficar por muito tempo, porque naquela época estava iniciando a comissão Leste Nordeste (APOIME), e havia muitas viagens sendo realizada, a minha vida se baseava muito em viagens, eu nunca gostei de acumular cargos, sempre gostei de fazer uma tarefa só para não atrapalhar as funções, e meados de 1992 graças a Deus eu senti que a comunidade já estava normalizada, apresenta-se a pessoa de Juraci, ele então entrou no meu lugar e deu continuidade ao trabalho como cacique. Veja que coincidência mesmo deixando a função de cacique meu serviço continua como vice cacique de Juraci, ajudando nas batalhas, e logo veio também a retomada de 1993 aqui na Paraíso, São Sebastião, Bom Jesus, Nova Vida I e Nova vida II, infelizmente não conseguimos permanecer na terra por que os fazendeiros entraram com pedido de reintegração de posse, mas nós continuamos a luta, eu voltei nesse mesmo período, ainda dando sequência a luta.

Em 1996 eu voltei de novo para dar continuidade a luta, que iniciou-se nas retomadas de 1993, nós estávamos com uma ação judicial pendente, aí eu mais o cacique Juraci e demais lideranças que também já vinha acompanhando esse processo, nesse momento eu fazia parte como membro da coordenação da

APOIME, mesmo assim eu voltei 1996 para dar continuidade à luta e não deixar voltar a questão da divisão de grupo, foi muito a minha função, a minha presença no cacicado de 96 seria muito no sentido de não deixar repetir aquilo que aconteceu nos anos 90 e 92. Novamente deixei o cacicado em 98, fiquei até que a gente resolvesse a questão do julgamento das cinco fazendas, 1997 período do trágico assassinato do meu tio Galdino, meu retorno ao cacicado pela segunda vez se deu em 96. Já em meado de 97 se não me engano em fevereiro saiu o julgamento, para que a gente pudesse voltar para as fazendas onde estamos hoje, porém nessa ação judicial a polícia federal deveria nos auxiliar no retorno, porém, os agentes federais não cumpriu as nossas ordens estabelecidas na ação do tribunal federal de DF, foi quando a gente elegeu uma comitiva para ir a Brasília quando, em abril de 1997, acontece a tragédia com o parente Galdino! Foi quando nós ocupamos as terras no mesmo ano e fiquei até apaziguar a situação aqui na região da paraíso e em cinco fazenda, novamente me retirei do cacicado devido ao acúmulo de função, nesse período me torno coordenador da APOIME, as viagens se tornam cada vez mais frequentes, com períodos de 10, 15, 20, ou 30 dias, tínhamos a missão de dar apoio a retomadas de outros povos no Nordeste. Voltei de novo reuni novamente a comunidade, e pedi para sair em 98, pronto, fechei a minha a minha tarefa como cacicado. Atualmente Wilson de Jesus Souza é coordenador da FUNAI.

*Wilson de Jesus Souza ( Ninho )*

## Cacique Diógenes

Sou Deorgines cacique da Aldeia Panelão tenho 74 anos, em 1998 eu assumi o cacicado, eu trabalhava junto com meu pai Samado, e quando ele faleceu eu fiquei assumindo a vaga dele. O cacique se torna um cacique a partir do momento que muitas pessoas não têm conhecimento dos trabalhos a serem desenvolvidos na comunidade, por não sair da comunidade para buscarem conhecimentos fora do seu território. É preciso que tenha um cacique com disponibilidade para mostrar o seu trabalho em prol do seu povo, dando as instruções de sobrevivência.



Foto ( Edmar- 2022.)

As maiores dificuldades enfrentadas, foram as viagens, onde era preciso sair da Aldeia para buscar as melhorias para a comunidade, principalmente o direito da terra, para garantir a Aldeia Panelão, agente sempre anda em busca da vitória. Muitos entendem o trabalho que o cacique faz, mas infelizmente há muitos que não reconhecem, tem pessoas que acham que a gente não está fazendo o bom para a comunidade, então o cacique não pode levar em consideração as críticas destrutivas temos que colocar a cabeça no lugar e pensar, por que se o cacique for pegar todas pedras que vem voando, ele não vai conseguir.

Uma das maiores dificuldades de luta, foi logo quando eu iniciei o meu cacicado, que foi a luta pela terra, onde viajei muito para Brasília junto com outros caciques, na época era, Gerson, Ninho “Wilson” quando era cacique, Nailton e os demais, nós pegamos essa responsabilidade de caciques para lutar pelo povo. Hoje graças a Deus nós somos vitoriosos, eu acredito que quando temos uma parceria boa, gente consegue fazer um bom trabalho e encarar os problemas, mas infelizmente nem todos querem trabalhar com parcerias, sendo assim a gente tem que escolher pessoas que tenham os mesmos objetivos de trabalhos para atender as demandas do povo.

O recado que eu deixo para comunidade, é que a muito tempo venho analisando a situação dentro do território, onde muitos indígenas não têm feito o seu papel. Sabemos que essa terra não pode ser vendida, alugada e nem arrendada, por que só nós sabemos quantas lutas foram enfrentadas para conseguir esse território. Peço que os indígenas tenham consciência, colocando sua cabeça no lugar, pois essa terra é para uso e frutos, e nela podemos trabalhar, viver e morrer nela, deixando assim o seu legado para as futuras gerações. É preciso que tenha um professor de cultura para estar desenvolvendo as atividades culturais justamente com os professores.

Diógenes

## Marilene Jesus dos Santos

Marilene Jesus dos Santos Nasceu no ano de 1964, é pertencente à etnia kariri sapuyá que compõem o povo pataxó Hãhãhãe.

Marilene Jesus dos Santos também conhecida popularmente na comunidade por “SI” sempre foi uma guerreira mulher que sempre lutou em defesa do seu povo, sempre teve engajada na luta das mulheres e nas atividades desenvolvidas na comunidade. No ano de 2004 Marilene iniciou o seu cacicado, ficando, portanto, como cacica no



foto (Aney Rodrigues – 2022 )

período de um ano, deixando então o seu cacicado no ano de 2005. Para Marilene a importância de ser cacica para o povo Pataxó Hãhãhãe foi de estar sempre disponível para desenvolver os trabalhos que correspondia o papel do Cacique. Segundo Marilene o seu cacicado foi marcado por várias lutas e uma das suas prioridades era lutar junto com a comunidade na reconquista do território, realizando assim no seu período de cacicado muitas retomadas.

*Na época para me tornar cacica, os anciões e a comunidade sentiu a necessidade de colocar mais um Cacique para ajudar na luta do território na região onde eu morava, onde a mesma estava descoberta pela questão do crescimento do território, então a comunidade reunindo-se me fez o convite para poder atender essa demanda como cacica representando a minha região.*

(Marilene **Jesus dos Santos - 2022** )

Segundo Marilene o seu cacicado foi muito retribuído pela comunidade, pois o seu papel enquanto Líder daquela comunidade foi sempre manter a união e sempre estabelecer a clareza em todos os trabalhos que eram feitos, principalmente quando se tratava da Luta Pela Terra. O cacique dentro de uma comunidade não tem salário, mas os trabalhos precisavam ser realizados, então a comunidade sempre

estive disposta a ajudar para que os trabalhos fossem desenvolvidos, os mesmos faziam vaquinha para que a Cacique A Marilene pudesse realizar as viagens que eram necessárias para atender as demandas que correspondiam ao povo.

*Eu tenho muito orgulho de ter sido uma representante mulher para minha comunidade, pois tudo que eu aprendi eu agradeço o meu povo, principalmente os anciões que confiaram e juntos lutaram nesse árduo trabalho. Logo no início eu fui muito criticada e discriminada por ser uma liderança mulher, mas em nenhum momento eu deixei de lutar pelo meu povo. Para mim essa foi a maior dificuldade que passei e enquanto cacica. Na luta do território Sempre procurei trabalhar junto com os outros caciques.*

(Marilene **Jesus dos Santos** - 2022)

## Cacique Manoel Muniz

Manuel Muniz de Andrade (*Manezeinho*) sou um dos caciques na aldeia Caramuru Catarina Paraguaçu, eu tenho 65 anos, nascido em 10/10/1957. Meu primeiro cacicado se deu em 89, criamos uma organização trabalhei mais nove anos, no momento a comunidade me chamou para voltar ao cacicado, e desde 82 que eu venho nessa luta para a reconquista do nosso território, fui eleito para o trabalho de cacique e trabalhei 7 anos quase o oito, criamos um grupo de liderança, pois a luta era muito pesada, havia nesse período muitos pistoleiros e muitas eram as ameaça de morte nessa região e a gente viu que não tinha condições de levar sozinho essa luta, foi quando criamos a comissão de povos indígena leste, nordeste uma organização que abrange do estado do Ceará ao Espírito Santo, onde trabalhei por nove anos, depois fui emprestado para fazer um trabalho em Brasília, CAPOIBA (Conselho de articulação dos povos e organização indígena do Brasil) somando força e trazendo tranquilidade para o nosso povo, levando as nossas reivindicações as autoridades para obter a reconquista da nossa terra, pois nesse período tivemos muitos assassinato.



Foto ( Edmar batista – 2022

O homem branco matava os nossos parentes indígenas como estivesse matando bicho, e nenhuma providência era tomada pelas autoridades, fazíamos denuncia, mas não tínhamos respaldo na nossa cidade, então começamos a somar forças, primeiro convidamos o pessoal do Extremo Sul, pataxó Coroa Vermelha, Barra Velha e unimos força ficamos mais fortes, mas percebemos que não ainda não tínhamos quórum (conhecimento jurídico), para resolver o nosso problema porque, percebemos que nós mesmo deveríamos procurar a justiça para fazer a devolução da nossa terra, pois percebemos o sofrimento dos indígenas tanto dentro quanto fora da aldeia, a maior necessidade do nosso povo era a devolução da nossa terra, pois estávamos numa área pequena, para tantos parentes e não tínhamos onde trabalhar plantar aonde conseguimos recurso para alimentar nossas famílias.

A importância de ser um cacique, é um guerreiro que vai buscar a paz para uma comunidade um guerreiro que ele tenha coragem de enfrentar tiranos e corruptos. Deve conhecer um pouco da lei para não ver a nossos parentes ser maltratado, machucado no momento de dor, nem tirar a vida do nosso pessoal, porque já perdemos muita gente no início. Meu segundo cacique se deu agora em 2020, quando aconteceu aquela pandemia nós se organizamos, criamos um conselho fechamos a estrada que liga Água Vermelha com medo que, essa doença viesse acabar com o nosso povo, e conseguimos fazer um trabalho de controle, com o apoio de lideranças.

O desafio no momento é realizar um plano de melhorias para o nosso povo, fazer um trabalho diferenciado com a comunidade que já sofreram bastante, o meu plano é que o nosso povo de hoje em diante de ênfase ao trabalho com suas pinturas corporais, usar vestes pintado com suas bordunas seus arcos e flechas, nós somos povos diferenciados nós queremos acabar com essa política, pois precisamos trabalhar pintados e trajados, porque estamos enfrentando diariamente guerra, guerrilha e a gente precisamos tá divulgando quem somos, isso é importante, o recado que eu deixo para o nosso povo é que precisamos se unir porque quando nos unimos, nós tínhamos, como nós combater os ataques que vinha contra nossa comunidade então, precisamos estar unidos, nós lideranças também precisamos da cobertura da comunidade, porque quando a comunidade tá junto a gente tem mais força, a gente tem mais garra de fazer o trabalho, temos mais força de ir em busca de nossos direitos, e buscar para o nosso pessoal. Nosso trabalho aqui é árduo mas vamos levar a frente, mesmo com nossos medos não vamos recuar, precisamos levar paz para o nosso povo para nossas crianças, isso nos garante estar firme e forte, e quero dizer também para os órgãos, que nos apoie na defesa dos direitos que temos precisamos estar junto, sentimos que esse apoio não está acontecendo como deveria, porque para mim é uma judiação nós lutamos na justiça, depois dessa terra ser vendida pelos órgãos incompetente e nós precisar derramar nosso sangue para reconquistar. O que precisamos que a justiça faça valer nosso direito, precisamos que as autoridades nos respeite pois somos autoridades junto a nossa comunidade, nós caciques e lideranças.

*Manoel Muni*

### Alcides Francisco Filho (Piba)

*“Sou Alcides Francisco Filho (Piba), tenho 78 anos, ex cacique do povo Pataxó Hããhãe, iniciei minha trajetória enquanto líder no ano de 1997, e encerrei esse ciclo como cacique no ano de 2012, totalizando um período de 15 anos no cacicado”.*



Foto (arquivos da família)

O agora ex cacique afirma que em seu período de cacicado foi bom, pois nesse período a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), atuava com maior frequência e atenção, ressalta que hoje sente a ausência desse órgão junto à comunidade. Em sua fala o ex cacique Piba, diz que se relacionava bem com demais lideranças e pontua entre esses a figura de o então falecido cacique Gerson Pataxó, ressalta que a saúde era melhor em seu período bem como a educação, em seu ponto de vista tivemos poucos avanços com a ausência da FUNAI,

*“Educação sem merenda e a saúde também hoje em dia, a gente encontra-se até sem médico...”*

Piba afirma que se tornou cacique após a saída do seu irmão (Jorge índio) do cacicado, exercendo essa liderança em lugar de seu irmão e o cacique Piba diz que a comunidade o aprovava por seu empenho e devoção a função e ressalta por mais uma vez o período de quinze anos como liderança do povo Hahãhãe, sendo esses quinze anos contando com outro período que foi cacique.

Indagado por que deixou de exercer o cacicado Piba responde:

*“Porque eu já tô cansado de andar demais, pouca assistência a casa a família né, aí ela (esposa), achava que eu viajava muito, deixando ela largada e a casa...”*

Piba esclarece que ao conhecer o parente Reginaldo que inclusive é seu genro passa o cacicado para ele. Em relação a sua didática com a comunidade Piba afirma que a sua atuação era com o consentimento da comunidade que sempre se organizava com o intuito de realizar coletas de recursos que custeasse a suas demandas em viagem de interesse da comunidade, ao chegar dessas viagens ele afirma que o papel do cacique é repassar para o corpo comunitário todo conteúdo abordado no evento.

Piba deixa uma frase como recado para a comunidade

*“que a união que faz a força, bom dia para você e a nossa comunidade”.*

### Cacique- Gerson Pataxó

Gerson de Souza Melo, teve duas etapas muito importante para o povo pataxó Hãhãhãe enquanto Cacique, seu primeiro cacicado teve iniciado no ano de 1997, logo após o falecimento da liderança Galdino Jesus dos Santos, nesse período até então o cacique era Wilson Jesus Souza, hoje titulado chefe da CTL da FUNAI dentro da terra indígena Caramuru Catarina Paraguaçu, logo após a saída de Wilson Gerson foi o indicado pela comunidade para exercer o cargo de Cacique. O cacique Gerson iniciou sua jornada com uma grande



*Foto internet - 2020*

missão a ser cumprida, o seu interesse maior era a conquista do território pertencente ao povo pataxó hãhãhãe território esse que desde 1982 o povo para chegar na vem lutando para conseguir esse tão sonhado território a luta para conseguir de volta aquilo que foi perdido sempre foi muito árdua os indígenas liderados por outros caciques sempre faziam as retomadas mas sempre tiveram os interditos proibitórios onde os indígenas não conseguiam permanecer na terra durante todo esses processos de retomadas muitas lideranças foram mortas por Pistoleiros a mando de fazendeiros mas o povo pataxó Sempre Manteve o foco de lutar pelos seus direitos e foi exatamente a partir de 1997 logo após a morte de Galdino que as retomadas foram acontecendo com mais bravura a comunidade liderada pelo Cacique Gerson e outros que Assis foi tomando rumo.

A prioridade do cacique Gerson sempre foi lutar pelo território, mas ele também sempre esteve ativo nas demandas que desrespeitavam o povo para seu envolvimento para que as coisas melhorar assim dentro do Povo pataxó era constante entre essas demandas a educação e a saúde os costumes culturais do Povo pataxó e as festividades sempre tinham a participação do Cacique Gerson.

Gerson de Souza Mello iniciou o seu cacicado no ano de 1997. O trabalho de Gerson aqui na comunidade foi um trabalho bom, em 2003 Gerson foi no Rio de Janeiro buscar as papeladas no museu do índio junto com suas lideranças , chegou com os papeis, foi para a justiça e hoje em dia nós estamos nas terras que ele

buscou, a parceria aí fora, hoje temos nossas terras em nossas mãos através de Gerson que era cacique, então hoje sentimos muita falta de Gerson aqui na aldeia, quando ele era cacique acontecia muita coisa aqui e ele tentava resolver junto à comunidade, mas hoje sofremos por não termos um cacique como ele.

Gerson foi muito importante no cacicado, tanto para a comunidade quanto para a família, ele tinha uma vontade muito grande de ser cacique, o sofrimento que ele já tinha passado, o sofrimento de sua família aqui dentro, daí veio a vontade de fazer diferente, de correr atrás dos documentos dessa terra, de um dia a gente alcançar o direito de pisar nessa terra de cabeça erguida. As suas prioridades eram correr atrás de melhorias incluindo o posto de saúde da aldeia e a construção do colégio, e ele conseguiu ser vereador, trazendo melhoria para a aldeia e também para Pau Brasil. (Maria de Souza Mello) irmã

O bom legado que Gerson deixou aqui foi a conquista da nossa terra, posto de saúde, a construção do colégio, o incentivo a estudar e sempre buscar algo melhor, sempre reunindo a comunidade, ajudando e participando de tudo.

### **Cacica Ilsa Rodrigues**

Meu nome é Ilza, Sou da etnia kariri apoiar, que compõe o Povo Pataxó Hãhãhãe, sou casada com um Camakã a 36 anos, moro na região da Milagrosa Mundo Novo.

Fui representante das mulheres, representava as mulheres com 13 povos e etnias diferentes, depois dessa organização de mulheres eu fui coordenadora do grupo de medicina natural junto com as anciãs, inclusive Anciões da etnia Camakã e



*Foto (Osmar Julho- 2022*

outra Kariri Sapuyá as principais representantes da medicina natural, que eram Dona Elisa e dona Jarda, que comandava esse grupo de medicina, depois dessa passagem que eu tive de organização, aí jantaram os anciões, na época mais de 300 pessoas anciãs para mim colocar como Cacique, aí a necessidade que eles viram que tinha que ter mulheres também para que pudesse tá assumindo esse trabalho de liderança de cacique. No dia 28 de setembro de 2007 foram reunidos ali todos os anciões, onde foi realizada uma reunião no colégio Estadual da Aldeia Indígena Caramuru, onde concorri com dois homens, João curtia e Jacson, que disputaram comigo ali naquele Colégio do Caramuru, e quando foi 4 horas da tarde deu por encerrado a votação, e eu saí com 633 votos sendo eleita pela comunidade. Ser cacique é uma responsabilidade muito grande, além de ser Cacique mulher é muito difícil porque além da responsabilidade como liderança há também a responsabilidade dos filhos em casa, então assim, não é fácil, é um trabalho muito difícil, porque toda a responsabilidade da comunidade nós temos que ter. O desafio maior para mim foi no julgamento da ação do território, esse foi mais duro porque tínhamos que ficar mais tempo em Brasília, ficando 17,18 e até 20 dias fora de casa ainda tinha uma filha pequena, bebê e cresceu juntamente na luta, só parou de viajar comigo quando já estava estudando e eu não podia mais carregar ela juntamente comigo, foi um momento difícil porque eu tinha que deixar ela para poder fazer viagem, e ela não perder aula também, então é muito difícil, é muito duro a responsabilidade. O primeiro trabalho que eu vi como necessidade foi a julgamento

da ação no Supremo, porque já tinha mais de 30 anos que estava uma ação pedindo nulidade de título, e nessa nulidade de título o que mais me preocupava era uma agrave regimental, então muitas pessoas da comunidade às vezes não tem conhecimento do que era isso, e quando chegou até o meu conhecimento juntamente com advogado da nossa ação o Dr Paulo Machado, o qual tenho uma honra de falar o nome dele, porque foi a pessoa que acompanhou desde o início até o fim, desde do tem em que ainda era jovem, e ali tem uma agrave regimental, que era o agravo regimental? Era os títulos dos fazendeiros que estava dentro da terra indígena, então tinha esse Impacto, se fosse julgar a ação maior que era os títulos, o que poderia acontecer? Julgava a ação maior mas tinha que julgar também a nulidade de títulos, porque esses títulos constavam dentro da terra indígena, então tinha que ser julgados também, e esse trabalho foi feito. O ministro Eros Grau julgou o agravo regimental no mês de outubro, junto com sua equipe, e no ano de 2012 foi a nulidade de títulos todos da terra indígena.

Nós somos uma mistura de povos, há também outros Cacique, apesar que a maioria são Cacique da etnia kariri sapuyá, deveria ter entre as lideranças um consenso onde poderíamos trabalhar juntos, mas há várias outras regiões, que também precisam ter suas organizações. Dentro desse contexto é importante que de cada um esteja estar organizando o povo, isso é ótimo, mas não podemos esquecer que há momentos que precisamos estar juntos, mesmo que já foi julgado a nulidade de títulos dentro do nosso território, mas ainda tem problemas, e vários projetos de lei que também impacta dentro dessa questão e é preciso estar juntos para que possamos estar unidos para resolver esses problemas, porque um sozinho não consegue, tem que ser todos nós juntos, Independente de ser cariri Sapuyá, Tupinambá, Camacan, temos que estar junto para que essas questões sejam resolvidas.

O recado que eu deixo para a comunidade Pataxó Hãhãhãe, é que precisamos nos unir para juntos buscarmos projetos que dê qualidade de vida para nosso povo, buscar o desenvolvimento por que hoje o território já estar em nossas mãos, e é preciso ter projetos de sustentabilidade para nós Pataxó Hãhãhãe.

*Ilsa Rodriues*

## Antonio Magalhães ( TAIWMÃ ) Ex Cacique

Sou Antonio Magalhães Ribeiro, conhecido como Antonio Taiwmã, fui o primeiro cacique da Aldeia Água vermelha, iniciei o cacicado no ano de 2018 e fiquei até 2020, onde realizamos alguns trabalhos com a comunidade. A comunidade até hoje reconhece e agradece, eu também sou grato a comunidade pela oportunidade.



Foto (Antonio - 2021)

Quando o território aumentou, surgiu a necessidade de eleger um novo cacique, pois os caciques eram de outras regiões um pouco distantes, então a comunidade da Aldeia Água Vermelha resolveu se organizar e colocar um cacique naquela localidade para que viesse estar atento as necessidades da comunidade e assim buscar melhorias para a região. A importância de um cacique para a comunidade é que não existe cacique sem comunidade e nem comunidade sem sua liderança, mas a partir do momento que a comunidade indica e escolhe uma pessoa para ser cacique é porque ela enxerga o potencial de buscar melhorias para a comunidade, e o cacique também tem o mesmo pensamento de buscar o melhor para a comunidade, na área da saúde, educação, estrutura entre outras coisas importantes para o bem-estar do povo.

Eu sempre tive um trabalho voltado para a área de preservação ambiental, porque quando se fala de aldeia se fala de reserva e território, temos que pôr na cabeça que não existe índio sem aldeia, e a aldeia é floresta, árvores, rios e animais. Durante esse tempo em que fui cacique fizemos duas operações na Água vermelha, onde conseguimos ainda prender dois carros de madeira e alertar os carros de frete para não aceitarem pedidos para pegar madeira na aldeia, pois é considerado crime, afinal se não tem carro pra buscar, não tem como vender, então essa é uma forma que nós achamos para tentar parar, é tanto que nesse período que fiquei como cacique o desmatamento na região da Água vermelha parou, os

incêndios também, sempre entrando em contato com a FUNAI e alertando as pessoas sobre os riscos, então eu trabalho mais nessa área ambiental.

O recado que deixo para comunidade é que possam viver mais como comunidade, no sentido de estar mais um com o outro, buscando parcerias, melhorias, tendo reuniões e fazendo trabalhos comunitários que são muito importantes entre as famílias, porque quando vocês se reúnem mesmo que seja para trabalho comunitário, conversamos sobre muitos assuntos como as demandas da comunidade, então é muito importante sentar, dialogar e compartilhar os mesmos pensamentos.

*Antonio Magalhães Ribeiro*

### **Cacique Ednilson (Nito)**

Sou o cacique Nito da aldeia Bahetá, tenho 45 anos, nasci e me criei aqui na aldeia, quando Reginaldo era cacique eu fui vice cacique dele por 13 anos, o meu cacicado iniciou no ano de 2017, agora estou com 5 anos sendo cacique, que é uma grande importância para o nosso povo, que vem de muitas lutas, e hoje em dia estamos aqui pelos nossos direitos.



Foto ( Cacique Nito – 2021 )

Hoje me tornei um cacique na aldeia Bahetá por causa da nossa luta que foi muito sofrida, onde meus pais já foram caciques, aí veio eu como cacique para poder ajudar nosso povo que vem de muito sofrimento, agora temos que continuar essa lutar pela nossa causa, nossa terra, nosso povo que tanto sofreu e lutar pela saúde que hoje está à mercê.

Hoje em dia é um grande orgulho estar aqui nessa aldeia como filho daqui, nascido e criado aqui, o meu orgulho é estar ajudando nosso povo, buscando o bem para todos. Os planos que eu tenho é estar sempre lutando pelos nossos direitos.

As vezes vejo que o nosso povo está um pouco parado na nossa aldeia, o que temos que buscar de agora para frente é estar todo mundo se unindo cada vez mais, porque se não se unir não vai dar nada a frente, nosso povo tem que colocar isso em mente, temos que nos juntar, todos os caciques para ficarmos mais fortes e buscar nossos objetivos. O que eu vejo na aldeia é que ter muitos caciques se tornou uma tarefa difícil, porque hoje em dia um quer uma coisa e outro quer outra, o que eu acho é isso, os caciques tinham que se juntar como um só e realizar os objetivos de todos, meu sonho é que lá na frente os caciques se unam mesmo, para buscar melhorias para a nossa aldeia, porque se um fala uma coisa e outro fala outra, nós nunca vamos a frente. O recado que deixo para a comunidade é que se unam, que se não se unir vai criar uma situação muito ruim para o nosso povo e lá na frente temos nossos filhos que futuramente vão lutar para ter uma aldeia forte.

**Cacique Nito**

## Cacique Luiz

Eu sou Cacique Luiz, tenho 46 anos convivo na aldeia Panelão desde quando nasci. O período que eu iniciei o cacicado foi em 2006, na época percebemos a oportunidade de juntar a comunidade que estava dispersa, então ao voltar para o Panelão que é uma região do T.I Caramuru, então reunimos o povo e formamos um quadro de liderança e unimos o povo para que fosse passado aos filhos das nossas terras que nós temos direito.



Foto internet (Luiz- 2022)

A necessidade é como já descrita, o povo dessa região estava sem liderança, precisava de alguém que tinha experiência para juntar essas famílias, para que organizássemos as retomadas, pois nós só habitaríamos a terra se realizássemos as retomadas, a organização de lideranças com associação e com pessoa de frente ali para gerenciar nosso povo.

No início das retomadas em 1982 pode-se perceber que tinha aqui na comunidade e que o cacicado era eleito pelo povo com um período definido entre dois e três anos, caso houvesse a necessidade real de trocar o cacique então a comunidade elegia um outro nome, hoje percebe-se que tem lideranças e caciques que já tem mais de 10, 15 até 20 anos liderando o povo, não sei o ponto de vista da comunidade em relação a esse fato, mas me parece uma boa expectativa, pois se a comunidade percebe que está sendo feito um bom trabalho.

Acredito que para uma liderança ficar tanto tempo como cacique é preciso estar compartilhando com o bem-estar do povo, pois se não estiver fazendo um trabalho digno então, ele tem o dever de ceder o lugar para outras pessoas outras lideranças, surgem novas liderança com experiências de luta pelo território, luta pelo bem-estar da comunidade, pois esse conhecimento é repassado para as futuras gerações exemplos filhos e parentes que fazem parte dessa liderança, a casos de não haver interesse, pois nós aprendemos a luta através de nossos antepassados, Como sabemos precisamos trazer essas lutas dos nossos antepassados para os dias de hoje, explicar como foi que eles lutaram pois eles acreditaram, nós hoje também devemos usar a tecnologia auxiliada com, experiência, política que está

presente em nosso cotidiano, isso também facilitou o acesso ao conhecimento inclusive com a justiça a nosso favor pelos direitos conquistado. Para finalizar nossa entrevista, quero deixar uma mensagem para a comunidade em relação à valorização, do papel do cacique, a mensagem que deixo é, para nossas futuras gerações e até mesmo para os de hoje, que nós precisamos se organizar cada vez mais e que a luta é uma luta constante, e precisamos de união para lutarmos juntos pois a sociedade lá “fora” é contraria muitas vezes a o nosso povo indígena, e precisamos estar juntos para que possamos vencer essa batalha contra o indígena .

*Luiz Ferreira*

## Cacique Jean Pataxó Borges ( Txahú )

Meu nome indígena é Txahú, conhecido em cartório por Jean Pataxó, Borges, tenho 43 anos e sou cacique da aldeia Bahetá, município de Itajú do colônia - Bahia. Comecei a trabalhar de cacique no dia 20 de novembro de 2014, aqui na comunidade onde eu admiro muito, o meu trabalho de cacique é ajudar a comunidade a se unir, porque nós somos um povo só, uma nação só que sofreu muito nessa terra, dos antepassados até a nossa geração, então meu cacique é pra valorizar



*Foto (cacique Jean 2022)*

a nossa cultura e nossa união, eu sou muito grato a nosso pai Tupã por me dar essa oportunidade de estar junto com pessoas, caciques que eu na juventude trabalhei junto, fomos amigos juntos, fomos colegas e parceiros de retomada, estudantes e hoje estou junto com eles, liderando a minha comunidade em pró de todos.

A importância do cacique na aldeia, é sempre estar reunindo o seu povo para elaborar decisões, onde todos sejam contemplados, fazer o bem a todos, e o meu trabalho é estar à frente, ouvir a necessidade de cada um da comunidade, e juntos resolver aquilo que eles estão precisando, e a importância de estar em linha de frente na aldeia, ter um cacique que se preocupa com a comunidade, e disposto a lutar para o bem de todos, então esse é o meu trabalho e o que eu amo fazer, lutar por quem precisa.

A necessidade de muitos, é porque nossa aldeia cresceu, 2012 houve um crescimento da população, muitos ficaram sem liderança, então sentimos a necessidade de mais alguns caciques, a comunidade viu em mim o perfil de líder e me apoiou para liderar, então não teve briga, não teve outras questões, a escolha foi afim de ajudar os outros caciques, somar a luta de todos.

Hoje temos 14 caciques na nossa aldeia, é dever comunitário que todos se unam, devemos dar as mãos, olhar para todos e unificar nosso povo, com 2 ou 3

caciques que liderem todas regiões junto a outras lideranças falando uma língua só, indo a luta e apoiando esses 3 caciques, onde iam liderar e representar toda a nossa comunidade com o apoio das lideranças, para a nossa comunidade não ficar tão dividida como está, mas, com a união de todo um dia a gente chega lá, com essa orientação e parceria para sermos bem representados dentro, ou fora de nosso território, bem como onde fomos com a nossa luta.

Primeiro, precisamos fazer a lição dentro de nossa aldeia, onde todos os caciques cheguem a um consenso, não criar mais caciques, e sim diminuir, afim de nos torna mais fortes, pois quando diminuimos o quadro de caciques e fortalece as lideranças, mostraremos ao povo que vamos lutar sim, todos juntos, nossa comunidade vai se unir mais e nossa luta sempre terá avanço.

Como nós estamos indo, daqui um dia, se não ter um consenso entre nós, cada família vai ter um cacique e isso para nós não é bom! Porque nós Pataxó hãhãhãe somos feitos de luta, anteriormente tínhamos 3 caciques, e fomos à luta de 82, e conseguimos a vitória, então temos que nos unir e unificar nosso povo.

O meu recado é que, valorizem sempre os caciques que estão de pé lutando para o bem de vocês, e valorizem os ex caciques também pois através deles chegamos onde estamos hoje, se não fosse a luta deles, hoje não estaríamos nas 54.105 hectares, a comunidade devemos valorizar os vivos e os mortos, pois foi uma luta histórica, e esse povo que tanto lutou, deixou suas famílias em casa para ir a Brasília, salvador, e até dormir no chão como eu já fiz, muitos se esqueceram, mas lembro a vocês que estamos aqui hoje, muito pela luta desses guerreiros. Como cacique eu autorizo esse áudio a ser divulgado, porque não estou aqui como rei e nem ditador, que nossa comunidade venha acordar e se preparar para assumir o nosso lugar.

Cacique Jean Pataxó Borges (Txahú)

## Adilson de Jesus Gonçalves

Adilson de Jesus Gonçalves tem 44 anos, residente no território indígena caramuru em uma região denominada Serra. O mesmo pertence ao grupo étnico Kariri Sapuya que compõe o povo Pataxó Hãhãhãe.



Foto (Adilson de Jesus 2021)

O ex cacique Adilson traz uma memória da época em que seus avos, pais e toda família foram expulsos por fazendeiros do território tradicional, tendo que conviver por muitos anos fora da aldeia convivendo com outras culturas. Ele então aos 6 anos idade junto com sua família no ano de 1984 retorna à aldeia, onde trabalhavam diretamente com a agricultura.

Adilson relata que aos 25 anos começa uma nova fase em sua vida, onde o mesmo é convidado a fazer parte do quadro de lideranças no cacicado de Gerson de Souza Mello, um dos caciques do povo Pataxó Hãhãhãe. No ano de 2011 Adilson deixa o quando de liderança para exercer o vice cacicado do então cacique Gerson, ele diz que é uma grande responsabilidade exercer um cargo tão importante na comunidade.

Em outubro de 2020 em decorrência da morte do cacique Gerson, as famílias que era liderada pelo então cacique juntamente com o quadro de lideranças se reúnem, e em consenso de todos Adilson de Jesus Gonçalves é o indicado para o cargo de cacique, crescendo ainda mais a sua responsabilidade.

Adilson fala que é um grande desafio, pois o seu pensamento é trabalhar junto aos demais caciques e lideranças, para juntos possam buscar melhorias para o povo Pataxó Hãhãhãe.

(No mês de março de 2022 Adilson de Jesus Gonçalves entrega cacicado!)

## Cacique Lucas

Me chamo Lucas Santos de Oliveira, sou um dos caciques do povo Pataxó hãhãhãe, nascido em 1992, tenho 30 anos, moro na localidade do rio pardo e me tornei cacique após várias retomadas feitas na nossa comunidade, pelo território ter esse crescimento de abrangência, das 54.105 hectares , ouve-se a necessidade de pôr um cacique naquela localidade, onde eu, Lucas Santos de Oliveira vinha participando de vários eventos na comunidade desde criança, em fevereiro de 2018 a comunidade daquela da região do rio pardo decidiu colocar um cacique na região, onde fui escolhido para essa tal função.



Foto (Lucas – 2020)

A importância de um cacique para essa comunidade é que o cacique ele tem a função de representar seu povo, tanto internamente quanto externamente, levar as demandas, as necessidades do seu território, as necessidades da sua comunidade, buscar melhorias e benefícios e manter também a ordem entre o povo que lidera. Em relação às prioridades enquanto cacique da comunidade, é trazer essa terra que foi ganha com muita luta ama auto sustentabilidade dela, para o nosso povo produzir, onde se refere a um dos nossos costumes que é agricultura, fortalecer e valorizar ainda mais essa cultura e buscar outros benefícios que venham trazer o progresso de forma satisfatória para nossa comunidade em si.

Em relação aos trabalhos com os outros colegas caciques, sempre viemos sentando todo mundo junto pra discutir as dificuldades da nossa comunidade, o que ela vem passando e se organizando, é claro que também temos encontrado resistência de alguns colegas caciques que não querem se sentar para fazer essa organização, mas os demais estão tentando se sentar e se organizar para trazer essa melhoria para nossa comunidade, não medimos esforços para que venha acontecer, então essa organização a gente tá buscando para fortalecer também a organização da nossa comunidade.

O recado que deixou para minha comunidade Pataxó hã hã hãe, não só pra ela, mas para todas as comunidades indígenas da Bahia e desse Brasil. Eu

acredito que não há nenhum cacique sem a sua comunidade e também não há comunidade sem o seu cacique, essa é a junção, a gente busca sempre trabalhar em conjunto, todo mundo unido, todo mundo fortalecido para que também o seu líder, quando for apresentá-los fora esteja fortalecido, sempre buscando o respeito, o diálogo e a união.

Cacique Lucas Santos

## Cacique Aritanã

Eu me chamo Aritanã Muniz Vieira, cacique da Aldeia Serrana do Ouro território que faz parte da Aldeia Caramuru Catarina Paraguaçu.

Atuar como cacique é trabalhoso aqui nessa comunidade, estou cacique desde abril de 2020, sou filho de vice cacique Reginaldo Vieira (em Memória). Aqui estou atuando desde a época em que nós dessa região (Serrana do Ouro) criamos uma organização



*Foto (Cacique Aritanan - 2022*

ainda no ano de 2020, desde então estamos desenvolvendo um trabalho de melhorias para a comunidade, e construindo uma ponte entre as etnias e regiões pertencentes as comunidades, sempre buscando a pacificação em todos sentido. Então agente como cacique da aldeia, exerce uma importante função, cacique dentro da aldeia ele é uma referência para o desenvolvendo de atividades junto à comunidade em todos os aspectos, econômicos, saúde, educação e também trazer alinhamento em pacificar situações internas da comunidade, isso é de grande importância, também é bom ter as lideranças junto dele, uma unidade que ele tem, as cartas brancas para estar fazendo suas atividades entre entidades, sendo o porta-voz do povo exercendo um papel similar ao de um advogado do povo, sendo uma referência para o povo está tendo acesso a direitos e com a possibilidade de estar alinhando no desenvolvimento dos deveres.

É muito importante que a comunidade contribua com seus deveres, fortalecendo os trabalhos, em nossa aldeia, o comportamento da comunidade em relação a organização, muitos se manifestam a favor e dar forças aos trabalhos, já alguns tem dificuldade de se aproximar e justamente por dar prioridade algumas atividades individual, outros por falta de conhecimento da importância de estarmos junto, então eu acredito que, como temos pouco tempo de desenvolvimento com esse trabalho, acredito que logo iremos atingir o objetivo de alinhar o máximo

possível para que a comunidade em peso possa estar contribuindo com suas participações, e se desenvolvendo.

A mensagem que eu deixo para comunidade é, quando o cacique convida a comunidade a estar contribuindo para o desenvolvendo dos trabalhos, valorizar essa entidade (cacique) que às vezes muitos acham que não é importante, o recado para a comunidade é que, o cacique junto as liderança é fundamental para nossa existência, resistência, e os nossos trabalhos, então eu peço para a comunidade, que a única forma de acertarmos é agente fazer atos de progresso para dentro da aldeia, o ato de desenvolvimento é uma aliança justa e forte é que a comunidade se posicione a disposição dos caciques em todos os sentidos financeiro, ideias, em contribuição de que for necessário ao cacique, assim que solicitado se colocar à disposição, assim é que faz o verdadeiro espírito de comunidade, isso que traz a realidade diferente para nossa aldeia, entendeu? A comunidade precisa entender que, a organização é fundamental para todos os processos que existem até hoje, que vem de geração em geração, e que a comunidade fique na linha que é muito importante, a bíblia cita: reconheço a verdade e a verdade vos libertará, quem trabalha com a justiça com a verdade jamais cairá, sempre vai estar forte, e que esta alternativa venha ser a segurança para a comunidade se desenvolver no caminho certo.

*Cacique Aritanan*

## Cacique Jorge Neres

Jorge Rosa Neres, tem 47 anos, cacique da Aldeia Braço da Dúvida.

O cacique Jorge Rosa Neres, iniciou o seu cacicado em 05 de janeiro de 2021, ele relata que que em sua localidade existem várias famílias que até então se sentiam descoberta por lideranças, e como ele já vinha fazendo um trabalho voltado para a sua comunidade, essas famílias sempre teve um grande respeito pelo mesmo, então a partir da necessidade de ter um representante naquela localidade, as famílias reuniram e o elegeu cacique na aldeia Braço da Dúvida.



Foto (Jorge Rosa Neres - 2022)

Jorge fala da importância de representar uma comunidade enquanto cacique, diz que é uma oportunidade de ajudar o povo, reivindicando os direitos que o mesmo tem, e que a comunidade consiga enxergar os seus direitos e deveres, Jorge ainda relata que, a comunidade estar precisando de organização e que com um representante na localidade tudo fica mais fácil.

“O objetivo cacique é organizar e cuidar das questões interna e externa do povo”

O cacique Jorge também relata que, mesmo sendo escolhido por uma comunidade, encontra algumas barreiras, pois na sua grande maioria as famílias apoiam, mas a sempre alguns que faz crítica, mas todos reconhecem a importância da organização.

*Antes de me tornar cacique, ficava sofrendo ao ver meu povo com seus direitos negado e então tomei essa decisão no intuito de ajuda-los a conquistar aquilo que eles tinham por direito e que muitas vezes nem sabiam, depois de me tornar cacique pude ver a diferença, pois agora estou por dentro de tudo, participo nas ações que trarão melhorias, pois não podemos cruzar os braços, o índio é guerreiro e deve lutar para conquistar aquilo que é direito mesmo que para isso precise superar obstáculos.*

## Cacica Zenolia

Sou Zenolia, cacique da aldeia Caramuru, nasci na cidade de Pau-Brasil, moro na aldeia, estou com 52 anos. Atualmente desenvolvo trabalhos junto à comunidade, inclusive dando sequência a trabalhos voluntário a 18 anos com a saúde indígena, atualmente sou cacique, com o intuito de continuar meu trabalho voluntário com povo Pataxó hãhãhãe.



Foto da Internet

Comecei meu cacicado no dia 4 abril, fui eleita por votação, a comunidade assim decidiu, pretendo realizar um trabalho similar ao do meu irmão, continuar o trabalho que ele deixou ao falecer. Trabalhar junto com a comunidade, deixar de herança um bom trabalho para a mesma, a necessidades expostas pela comunidade, e devo elaborar algumas ideias, pois precisamos fazer o melhor junto à comunidade, pois tem coisas que necessita da figura do cacique, fazer ações dentro da comunidade visando melhorar as relações, temos situações que só Deus para ter dó! O principal objetivo a ser trabalhado, é continuar com a cultura com povo Pataxó Hãhãhãe, organização do regime interno, eu quero continuar com a elaboração dessa importante ação, pois no momento se encontra parado, o intuito junto às lideranças, efetivar e colocar esse regime para funcionar, pois ele não pode ficar parado, esse documento é muito importante na organização da terra aqui dentro da aldeia.

Gerson Souza Melo deixou saudades, ele como cacique da aldeia caramuru buscava sempre reunir a família, eu resolvi fazer um trabalho semelhante, pois meu irmão como cacique morreu orientando a gente, reunir a família e a gente sempre ouviu ele, minha família permanece na aldeia, por conta disso resolvi ser cacique da aldeia. Muitas coisas que acontecem na aldeia devemos nos reunir com as lideranças e não podemos deixar os atos que Gerson fez apenas porque ele morreu, devemos criar ação que atendam as demandas internas do nosso povo, ter o cuidado com a natureza, estão cortando madeira, vendendo, não podemos deixar isso continuar, então é nesse sentido que vou focar meu cacicado, na defesa de nossa casa.

## Cacique Josivaldo e saudoso cacique Roque

Olá eu sou cacique Josivaldo, moro na região do Panelão, Aldeia Panelão a mais de dos 40 anos, essa localidade aqui tem um rio por nome Panelão, por isso o nome Panelão é atribuído a essa região, moro na localidade chamada Córrego do Cedro que se origina também do Panelão. Eu sou filho do cacique Roque falecido, neto do grande guerreiro cacique Samado. Venho atuando nessa vida já há



Arquivo pessoal (Josivaldo)

quase 11 anos, e sempre disposto para essa luta, na trajetória de Roque, ele buscou ser um cacique, simples porem de luta, nesse período nós, nos mudamos para aqui (Aldeia Panelão), chegamos aqui com sete famílias, hoje já estamos em 48 famílias, composta de netos, sobrinhos, filhos e demais parentes, Roque deixou 15 filhos trabalhando com a agricultura, e nós estamos trabalhando nesse objetivo, manter a cultura dentro do nosso patrimônio dentro da terra. Já a minha trajetória como cacique começa após a morte do meu pai, depois desse fato nos reunimos em família e me coloquei a disposição de dar



Arquivo pessoal (Josivaldo)

continuidade a seu exemplo de liderança, então fizemos uma pequena votação no qual fui eleito como um cacique dessa localidade, e nosso dia a dia é esse composto por lutas pela terra, cultura, saúde e demais demandas que é atribuição de um cacique, meu Pai teve uma passagem muito grande nas questões do CIM, Funai e outros órgão que atuam em conjunto com nossa comunidade. Depois que a gente mudamos para essa região, eu sempre busquei estar presente no cotidiano dos parentes, tomar um café aqui outro ali, sempre visando se aproximar e saber as demandas da nossa localidade, até porque era o líder da família, o cacique.

*Por: Cacique Josivaldo*

## Cacique Edísio

Cacique Edísio, foi um cacique eleito pela comunidade e foi um ótimo liderança para gente, sempre buscando beneficiar a comunidade; me lembro como hoje, nós ralávamos mandioca no ralo (artefato de produzir farinha), de mão, quando chegamos em Caramuru isso em 83, então o cacique Edísio com sua luta por nossa comunidade conseguiu uma farinheira com um forno isso, auxiliou muito a comunidade, a gente já tinha uma roda não é mais de ralo que fazíamos a farinha, e isso ajudou muito a comunidade. Em seu período de cacicado os parceiros produziam bem, as mulheres faziam beiju da sexta para sábado, e na manhã do sábado estava na estrada, com bacias na cabeça e beiju visando vender na feira de Pau-brasil.



Arquivo pessoal, (Ednei Dantas)

Lembro que ele nos fez a proposta, para de se deslocar para região da São Sebastião e fazer a retomada, hoje localidade onde estamos, a gente confiava bastante uns nos outros, isso fortalecia a comunidade. E então eu e os demais se dispusemos para a luta, só com lanças de pati (espécie de coqueiro da região), é interessante lembrar disso, porque, na verdade quando a gente está unida desperta aquela coragem, mas por motivos maiores não deu para nos manter naquele momento em definitivo! Cacique Edísio, ajudou muitas pessoas em Caramuru construir suas casas, puxava madeira de uma serra enorme para fazer a casa desse povo, isso mostrava o quanto ele era um cacique solidário, tinha aquele amor no coração para fazer as coisas para os parentes, mas infelizmente não teve muita sorte, houve um acidente onde pois fim a seu cacicado.

*Por: Aniraldo Xavier*

## Cacique Eusébio



Arquivo (CIMI)

O cacique Eusébio, foi um grande parceiro, eleito pela comunidade, ele era uma pessoa idosa, mas isso não o limitava a andar e lutar em busca de soluções para os problemas da nossa terra. O cacique Eusébio era parceiro legal brincalhão, sempre buscando alegrar seus parceiros e companheiros de luta, tinha seu irmão que também era bastante extrovertido. Seu cacicado não durou muito visto sua idade e também porque era deficiente.

*Por Aniraldo Xavier*

## Evangelista Bispo do Santos “Caçulo” Ex Cacique

meu nome é Evangelista Bispo dos Santos, tenho o apelido de caçulo, fiquei no cacicado em um período de 3 a 4 anos.

A importância do meu cacicado ‘foi à época das retomadas, na qual eu participei quando eu era cacique aqui no Itajú, para mim aquilo foi uma grande vantagem porque representei a comunidade e o trabalho que era feito, o conjunto que a gente tinha com a comunidade, a união que a gente tinha com o povo, o respeito aos caciques e as lideranças, tínhamos muitas lideranças boas e assim a gente conseguiu fazer os trabalhos.



Foto ( Edmar Batista – 2017

Antigamente a comunidade tinha muito respeito pelos caciques, quando ele falava uma coisa todo mundo respeitava , mas hoje acabou também os caciques cruzaram os braços depois que a nossa terra foi demarcada, cacique não é pra ficar de braço cruzado, é pra correr atrás de benefícios para a comunidade que é coisa que não está tendo. Quando há uma viagem para fazer uma cobrança vai um cacique, no período de 15 dias vai outro que fala diferente, então deviam reunir tudo e fazer uma reunião para chegarem a um ponto de vista só, mas do jeito que as coisas estão indo, vejo uma ausência de consenso.

O cacique é uma autoridade dentro da comunidade, a partir do momento que a comunidade respeita aquele cacique como autoridade aí fica tudo bem, mas hoje eles não estão respeitando os caciques. Peço que todos os caciques estejam em união e conversem mais com a aldeia, porque hoje o cacique não vai mais à casa de uma liderança, não vai mais à comunidade, é tudo na base do zap e só se comunicam por telefone, naquele tempo os caciques tinham 10 a 12 lideranças e cada qual tinha sua tarefa, e tinham que cumprir aquela tarefa.

*Evangelista Bispo*

## **Reginaldo Ramos ( Akanawã) Ex Cacique**

Meu nome é Akanawã Baenã, conhecido como Reginaldo Ramos, tenho 45 anos de idade, moro na aldeia Bahetá que faz parte do território Caramuru Catarina Paraguaçu, que faz divisa com os municípios Itajú, Pau Brasil e Camacan. Eu iniciei meu cacicado no ano de 2003 e fiquei por 16 anos, de 2003 á 2016 exercendo a função de cacique.



*Foto (Reginaldo – Akanawã – 2019)*

A importância da função de cacique para a minha comunidade foi poder ajudar a organizar na parte da educação escolar indígena, o fortalecimento da cultura. O meu maior feito durante o cacicado, foi poder trabalhar junto com os demais caciques do nosso território o processo letivo do nosso território, que foi o julgamento da nulidade de títulos desse território.

Nos anos 2013 á 2016 eu trabalhei fortemente dentro desse processo, sendo que em 2008 teve o primeiro julgamento do nosso processo territorial, onde o ministro Eros Grau deu seu voto quanto relator, favorável a nossa demanda, e em seguida o ministro Carlos Meneses, pediu vista no processo, mas ele veio a falecer, e a relatora Carmen Lucia deu seguimento ao processo. Então de 2008 á 2012 o processo ficou parado, nós, caciques, lideranças e comunidade continuaram a nossa luta através de retomadas. O supremo acabou julgando o processo em 02 de maio de 2012, onde o mesmo tornou nulo todos os títulos inseridos no nosso território. Então pra mim foi um dos meus maiores legados dentro dessa função que eu considero a mais nobre dentro de um povo indígena, minha prioridade quanto cacique foi poder ajudar meu povo na reconquista do nosso território.

O recado que eu deixo à minha comunidade hoje é que a comunidade deva cada vez mais estar unida em busca do fortalecimento da nossa cultura, do fortalecimento de nossa agricultura, da nossa educação escolar indígena e que a comunidade sempre possa estar vigiando e fortalecida para ajudar a proteger nossos direitos, tradição e culturais.

*Reginaldo Ramo*

## Saudosos Caciques, Juvenal Trajano e Osvaldo Trajano.



Arquivo (Flavio Trajano), Juvenal e Almerinda.



Arquivo (Flávio Trajano), Osvaldo Trajano.

Cacicado de meu avô Juvenal Trajano e também de meu pai Osvaldo Trajano foi à primeira retomada ainda na década de 80. Foi um momento muito difícil porque foi no início de tudo na fazenda São Lucas, primeira retomada onde o povo Pataxó Hãhãhãe reagrupando depois de muitos anos que foram expulsos da terra. Então assim como eles outros também que passaram nesse mesmo período tiveram diversas dificuldades, pois para começar a se agruparem novamente e fazerem um bom trabalho, no qual era muito difícil na época agora hoje, a gente só tem os relatos por que já faz muito tempo, na época eu tinha acabado de nascer, meu nascimento foi em 1982 exatamente no ano que se deu a retomada da São Lucas (Caramurú), então foi um momento difícil, mas um momento muito importante, que foi a fundação da Aldeia Caramuru.

*Por Cacique Flavio*

### Cacique Flavio Trajano

Flávio Trajano, tenho 40 anos, sou da etnia kariri Sapuyá, do povo Pataxó Hãhãhãe do Caramuru, localizado no município de Pau Brasil, BA sou residente da região Da Água Vermelha, quando eu fui convidado para participar junto com meu povo da localidades a Água Vermelha, ourinho e Taquari, para uma reunião quando eu cheguei na reunião foi me feito um convite pela própria comunidade.



*Arquivo pessoal (Flavio Trajano)*

Para ser o representante daquelas regiões e para mim foi uma surpresa porque não esperava! Então o meu nome já estava sendo trabalhado na comunidade. E aí para minha surpresa, a grande maioria me aprovou como cacique, eu não tive como dizer não, assumir esse voto de confiança que a comunidade me ofertou. Observado a necessidade do povo em ter um representante, também foi me passado que por ser um jovem que sempre contribui para com as necessidades e demandas da comunidade. Então tinha um perfil para ser um líder. Perfil herdado de Juvenal Trajano e Osvaldo Trajano, então aceitei essa nova caminhada como representante de um povo e para mim é muito importante um líder, um Cacique na comunidade. Por que é o cacique que representa e direciona a comunidade em busca de suas demandas.

E junto com a equipe de lideranças, ele precisa ter um suporte das lideranças para representar o povo e até mesmo tomar algumas medidas cabíveis de comum acordo como continuar o trabalho em situações mais complexas o cacique deve ter respostas para com a comunidade. O cacique junto com sua equipe de liderança é que deve tomar as medidas e providências além de esta buscando alguns recursos e que seja do interesse da comunidade para o desenvolvimento, pode acontecer também que algumas coisas com alguns membros da comunidade e essas lideranças a gente também é para esta cobrando a gente também é para criando providência.

Também quero deixar um recado para o povo Hãhãhãe, que valorizem as lideranças, pois as lideranças o cacique é que representa, é a voz do povo, mas o cacique junto às lideranças precisa do apoio do povo porque um cacique fortalecido tem um povo fortalecido.

A gente sabe que em todo o meio social existe uma hierarquia existe uma representatividade, os povos indígenas e bem representado pela sua liderança pelo cacique o que eu deixo também é que jovens, exerça sua cultura que os jovens participem, pois o futuro de hoje está nas mãos deles, por que os nossos velhos estão morrendo! E a gente não pode deixar a nossa história morrer também, a gente não pode deixar as nossas conquistas também os jovens, esse legado que as lideranças antigas estão deixando que eu venho aqui para firmar e deixar o recado para todos. Devemos nos organizar vamos nos unir e vamos trabalhar, pois a mãe terra, precisa de cuidado, a gente precisa cuidar da mãe natureza por que a gente sobrevive é a mãe terra, vamos nos unir, pois essa é nossa jornada ainda não acabou. Nosso território precisa de organização, precisa de muitas conquistas, precisamos nos organizar para defender a terra e se defender das coisas ruins que ainda está por vir, e com fé em deus e em nosso pai Tupã, iremos vencer e é preciso avançar sempre.

*Cacique Flavio*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por intermédio das entrevistas realizadas na captação de informações para o desenvolvimento desse trabalho, é possível afirmar que os povos indígenas necessitam de um cacique. Os exemplos expressos por esse líder é referência para formação de outros líderes, o protagonismo de um povo em eventos se dá exatamente em virtude dessa ação. Os caciques pertencentes ao povo Pataxó Hãhãhãe mostraram em seu percurso uma grande dedicação para com essa comunidade, se desenvolveram na luta do povo em busca do retorno ao território Caramuru Catarina Paraguaçu. Suas ações sempre visaram a união dos membros da comunidade, todo trabalho era compartilhado, e ainda assim ocorre, objetivando que outras lideranças se destaquem para execução dessa importante função, a memória de cada líder que passou nessa comunidade está fincada em nossa história de luta e reconquista.

Buscou-se com esse trabalho explorar apenas caciques que atuaram no período compreendido entre 1982 a 2022, contudo há de se ressaltar que outros caciques atuaram em períodos anteriores na tarefa de organizar a comunidade. Àqueles que atuaram após 1982, que é ano da primeira retomada da T. I Caramuru, apresentamos uma ênfase maior. Atualmente, temos 14 caciques atuantes no T.I Caramuru nas microrregiões: Água Vermelha, Ourinho, Taquari, Braço da Dúvida, Panelão, Córrego do Cedro, Caramuru, Mundo Novo, Baixo Alegre, Rio Pardo, Toucinho, Serrana do Ouro, Bahetá, Pau Ferro, Alegrias. Com um conglomerado aproximado de 12 lideranças por cacique, há atuação em diversas frentes de batalhas, saúde, educação, segurança, saneamento básico, lazer, cultura, culinária, crenças, preservação do meio ambiente e manutenção do território; essas atuações apontam o grau de relevância para a organização sócio cultural da comunidade Hãhãhãe.

Dados históricos demonstram que os povos tradicionais habitantes nessa terra (Brasil) compreendiam uma população de cinco milhões de indivíduos no período de 1500, e muito de nossa resistência no período atual se deve aos caciques, eles protagonizam as atividades extra-comunidade, é comum nas obrigações dos caciques viagens e participação em eventos que se relacionam com seu povo.

Ressalto o meu imenso prazer em elaborar um trabalho de cunho específico do povo ao qual pertença (indígenas), vivenciar e rememorar as estrias que compõe nosso corpo histórico me faz um grande felizardo. No percurso de elaboração do trabalho me deparei com situações que me fizeram “mergulhar” no imenso mar de conhecimentos constituídos dos nossos caciques, lideranças e anciões, ouvir e descrever as gravações que realizei reafirma ainda mais o compromisso junto a minha comunidade e com meus parentes Hãhãhãe, é com pleno gozo que concludo essa tarefa. Este trabalho tem como principal objetivo atender a conclusão do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, mas acrescento a ideia de incluí-lo no rol de artigos históricos de nossa comunidade como mais uma importante contribuição.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Maria Rosario de, *et. al.* (Organização). **Mapeando parentes:** identidade, memória, território e parentesco na terra Indígena Caramuru- Paraguaçu. Salvador: UFBA, 2012.

MUSEU DO ÍNDIO. **Povos indígenas no sul da Bahia:** Posto Indígena Caramuru- Paraguaçu (1910-1967) /Sonia O. Coqueiro (Cord.). M. Elizabeth B. Monteiro, Sheila M. G. DE Sá, Carlos A. M. Pere, Rio de Janeiro; Museu do Índio, 2002 – (Coleção: Fragmentos da História do indigenismo, 1).II. Color. 438p.

GONÇALVES, Adilson de Jesus

FILHO, Alcides Francisco

RIBEIRO, Antônio Magalhães

VIEIRA, Aritanan Muniz

SANTOS, Diorgenes Ferreira

MUNIZ, Domingos Francisco

FILHO, Ednilson de Jesus

SANTOS, Evangelista Bispo

TRAJANO. Flavio souza

BORGES, Gean Pataxó

SILVA, Ilza Rodrigues

NERES, Jorge Rosa

SANTOS, Josivaldo Ferreira

OLIVEIRA, Lucas Santos

ANDRADE, Manoel Muniz

SANTOS, Marilene Jesus

PATAXÓ, Nailton Muniz

SANTOS, Nelson Fernandes

SILVA, Osmar Júlio

SANTOS, Reginaldo Ramos

SOUZA, Wilson Jesus

MELLO, Zenólia Souza

OLIVEIRA, Aniraldo Xavier

SANTOS, Teodoro Ferreira

## Colaboradores

Amael Muniz de Souza

José Nilton

Maria de Souza Mello

Roseane Moura dos Santos